

The background of the cover is a dense, intricate black and white illustration. It features a variety of floral motifs, including stylized flowers with multiple petals and centers, and clusters of leaves on thin stems. Large, elegant scrollwork flourishes swirl across the page, creating a sense of movement and grace. The overall style is reminiscent of late 19th or early 20th-century decorative arts.

Entre o Céu
e a Terra

Nora
Roberts

Tradução de
Patrícia Cabrita





A todas as minhas irmãs,
não de sangue, mas de coração.
É aí que está a magia.

Veloz como uma sombra, curto como um sonho;
Breve como o relâmpago na noite escura,
Que com melancolia revela o céu e a terra.
E antes que o homem consiga dizer: “Olhai!”
Eis que as mandíbulas da noite o devoram:
Como tudo o que é luminoso se perde rapidamente na confusão.
— *William Shakespeare*





Prólogo

Ilha das Três Irmãs

Setembro de 1699

Ela invocou a tempestade.

As ondas de vento, os relâmpagos, a fúria do mar que era prisão e protecção. Invocou as forças que viviam dentro dela e também todas as que moravam do lado de fora. A luz e a escuridão.

Magra e alta, com um manto levantado para trás como asas, ficou ali, sozinha na praia vergastada pelo vendaval. Sozinha, mas com a sua fúria e o seu pesar. E o seu Poder. Era o Poder que a preenchia naquele momento, corria por dentro dela em selvagens e poderosos golpes, como um amante enlouquecido.

E, afinal, talvez fosse exactamente isso.

Ela abandonara marido e filhos para ir para aquele lugar, deixando-os sob o efeito de um encantamento de sono que os manteria a salvo e sem saber o que acontecera. Porque, depois de ter feito o que viera fazer, jamais poderia retornar para eles. Nunca mais poderia segurar nas suas mãos o rosto daqueles a quem amava.

O marido iria sentir muito pesar e luto por ela e os seus filhos iriam chorar. Mas ela não poderia voltar para eles. E não poderia, nem iria, voltar atrás no caminho que escolhera.

O pagamento tinha que ser feito. E a justiça, por mais dura que fosse, tinha que ser finalmente cumprida.

Ficou ali, com os braços estendidos a abraçar a tempestade que ela mesma criara. Os seus cabelos voavam soltos e frenéticos, feixes escuros que açoitavam a noite como se fossem chicotes.

— Não deves fazer isso!

Uma mulher apareceu ao seu lado, brilhando de modo tão ofuscante na noite tempestuosa como o fogo que levava no seu nome. O seu rosto era pálido e os seus olhos estavam escuros com o que poderia ser descrito como medo.

— Já começou.

— Então interrompe tudo. Pára agora, irmã, antes que seja tarde de-

mais. Não tens o direito de fazer isso.

— Não tenho o direito?! — E aquela que se chamava Terra girou o corpo em torvelinho, os seus olhos brilhantes de coragem e ódio. — E quem teria mais direito do que eu? Quando eles assassinaram as inocentes em Salém, quando as perseguiram, caçaram e enforcaram, não fizemos nada para os impedir.

— Quando impedes um temporal, provocas um dilúvio. Sabes isso! Nós criámos este lugar. — E aquela que se chamava Fogo abriu os braços, como que para abraçar toda a ilha que balançava no mar. — E criámo-lo para nossa própria segurança e sobrevivência, para defender a nossa Arte da Magia.

— Segurança? Ainda consegues falar em segurança e sobrevivência, agora que a nossa irmã está *morta*?

— E eu sofro e sinto um imenso pesar por ela, tanto quanto tu. — Implorando, cruzou as mãos sobre o peito. — O meu coração chora tanto quanto o teu. As filhas dela estão agora na nossa companhia. Vais abandoná-la e vais abandonar também as suas próprias filhas?

Havia uma loucura em Terra, que estilhaçava o seu coração como o vento rasgava os seus cabelos. Ainda que reconhecesse tudo isso, não conseguia sobrepujar o ódio.

— Ele não vai ficar sem punição! — afirmou. — Não vai continuar a viver, agora que *ela* morreu.

— Se fizeres algo de mal a alguém, quebrarás os teus votos sagrados. Terás corrompido os teus poderes e o que enviases para a noite voltará para ti, multiplicado por três.

— Sim, eu sei. A justiça tem o seu preço.

— Mas não esse preço. Jamais um preço tão alto. O teu marido vai perder a mulher, os teus filhos vão perder a mãe. E eu vou perder outra irmã adorada. Pior, muito pior do que tudo isso, vais quebrar a lealdade a tudo o que somos aqui. Ela não iria querer isso. Essa não teria sido a sua resposta.

— Sim, ela preferiu morrer a proteger-se. E morreu por causa do que era, por causa do que somos. A nossa irmã renegou o seu juramento pelo que chamava “amor”. E foi isso que a matou.

— Foi escolha dela! — Uma escolha que ainda amargava a garganta de Fogo. — Além do mais, ela não magoou ninguém. Faz isso agora; usa os teus dons desse modo negro e vais estar a arruinar-te. E essa maldição vai estender-se a todas nós.

— Não posso mais viver aqui, escondida. — Havia lágrimas nos seus olhos, agora, e, sob a luz dos relâmpagos, era possível ver que eles estavam vermelhos como sangue. — Não posso voltar atrás. Esta é a minha escolha. O meu destino. Vou tirar-lhe a vida por ela e amaldiçoá-lo para todo o sempre.

E, clamando por vingança, lançando-se para o ar como uma flecha brilhante e mortal disparada de um arco retesado, aquela que era conhecida como Terra sacrificou a própria alma.



Capítulo 1

*Ilha das Três Irmãs
Janeiro de 2004*

A areia, em blocos congelados pelo frio, ia sendo esmagada debaixo dos seus pés enquanto ela corria, ao longo da praia em forma de meia-lua. As ondas que chegavam deixavam uma espuma fria, cheia de bolhas, sobre a superfície, formando uma crosta que mais parecia renda esfarrapada. No alto, as gaivotas gritavam incessantemente.

Os músculos estavam quentes e movimentavam-se de modo harmonioso, fluidos como engrenagens lubrificadas, enquanto ela seguia já no terceiro quilómetro da sua corrida matinal. Os seus passos tinham um ritmo rápido e disciplinado e a respiração saía-lhe da boca em plumas brancas de vapor que voltavam agudas e frias como cristais de gelo.

Sentia-se ótima!

A areia gélida não tinha nenhuma outra marca de pegadas, apenas as dela, e estavam todas impressas, as mais recentes por cima das anteriores, as novas cobrindo as velhas, enquanto ela continuava a correr de um lado para o outro por toda a extensão do suave declive junto à linha de água, naquela praia de alto Inverno.

Se ela tivesse escolhido fazer os quase seis quilómetros de corrida em linha recta, teria atravessado a Ilha das Três Irmãs de um lado ao outro e na porção mais larga.

Essa ideia deixava-a sempre satisfeita.

O pequeno pedaço de terra a poucos quilómetros do litoral de Massachusetts pertencia-lhe totalmente. Cada monte, cada rua, cada penhasco e cada praia recortada. A Delegada Ripley Todd sentia muito mais do que uma mera afeição pela Ilha das Três Irmãs, pela sua pequena cidade, pelos seus habitantes e o bem-estar deles. O que ela sentia era uma espécie de responsabilidade.

Conseguia agora ver o sol que se levantava e espalhava os seus reflexos de encontro às vitrinas na frente das lojas da Rua Alta. Dali a duas horas as lojas estariam todas abertas e as pessoas caminhariam ao longo das ruas, cuidando dos seus afazeres.

Não havia muito movimento de turistas em Janeiro, mas alguns visitantes chegariam do continente de batelão, dariam uma olhadela às lojas, conduziriam os seus carros pelo litoral até chegar aos penhascos e comprariam um pouco de peixe recém-pescado, no cais. Basicamente, porém, o Inverno na ilha era apenas para os residentes permanentes.

Era a estação do ano da qual ela mais gostava.

No fim da praia, onde a areia acabava abruptamente junto ao muro de pedra que ficava pouco abaixo da cidade propriamente dita, ela deu meia-volta e continuou a correr sobre a areia endurecida. Barcos de pesca velejavam num oceano que tinha um tom azul-claro de gelo. A tonalidade do azul iria mudar, à medida que a luz ficasse mais forte e o céu tomasse uma coloração mais intensa. A miríade de cores que a água do mar conseguia exibir nunca deixava de a fascinar.

De repente, avistou o barco de Carl Macey e viu uma figura na proa, diminuta como um boneco de brinquedo, que acenou na sua direcção com alegria. Ela respondeu à saudação, sem diminuir a marcha, e continuou a correr. Com menos de três mil habitantes permanentes, não era muito difícil saber quem era quem ali na ilha.

Diminuiu um pouco o ritmo, não apenas para arrefecer, mas também para prolongar aqueles maravilhosos momentos de solidão matinal. Frequentemente fazia as suas corridas de início de dia acompanhada pela cadela do seu irmão, Lucy, mas naquela manhã saíra sorratamente sozinha.

Ficar sozinha era outra coisa da qual gostava muito.

Além do mais, precisava de clarear as ideias. Havia muito sobre o que pensar. Alguns assuntos preferia não enfrentar e então atirava os pequenos aborrecimentos e problemas para longe daquele momento que era só dela. O que precisava de ser enfrentado não era exactamente um problema. Ela não poderia chamar “problema” a algo que a deixava feliz.

O seu irmão acabara de chegar da lua-de-mel e nada poderia tê-la deixado mais satisfeita do que ver o quanto Zack e Nell estavam felizes juntos. Depois das dificuldades pelas quais haviam passado e que quase lhes tinham custado tudo, vê-los assim aconchegados, juntos, e a morar na casa onde ela e o irmão tinham sido criados, era pura satisfação.

Além do mais, nos últimos meses, desde o último Verão, quando Nell pusera, na ilha, um fim à longa fuga dos seus medos, as duas tinham-se tornado grandes amigas. Era puro prazer ver como Nell florescera desde então e se tornara mais forte.

Mas, deixando toda a pieguice e o sentimentalismo de lado, pensou Ripley, havia um pequeno espinho nessa linda rosa. E o nome desse espinho era Ripley Karen Todd.

O facto é que recém-casados não deviam ser obrigados a partilhar

o seu ninho de amor com a irmã do noivo.

Ela não tinha parado para pensar muito a respeito desse assunto antes da cerimónia de casamento e, até mesmo depois, quando estava no cais a acenar-lhes por causa da partida para a lua-de-mel de uma semana nas Bermudas, não conseguira analisar toda a situação.

Mas, quando regressaram aninhados, bronzeados e cheios de paixão, ainda encobertos pela neblina particular da felicidade da lua-de-mel, então tudo ficou claro para Ripley.

Recém-casados precisam de privacidade. Eles nunca conseguiriam ter momentos ardentes de sexo quente e espontâneo no chão da sala de estar, por exemplo, pois ela poderia entrar de repente, a qualquer hora do dia ou da noite.

É claro que nenhum dos dois mencionara nada a respeito disso. Mas também jamais mencionariam um assunto delicado como esse. Aqueles dois mereciam usar uma placa de mérito espetada no peito, com as palavras *Sou uma pessoa impecável*. Essa placa, pensou Ripley, era algo que nunca prenderia no próprio peito.

Parou, pensativa, e começou a usar as pedras que afloravam na outra ponta da praia como apoio enquanto fazia alongamentos para fortalecer a barriga das pernas, os tendões e os quadríceps.

O seu corpo era esbelto, com um tónus muscular forte como o de uma jovem tigresa. Ripley tinha orgulho dele, do seu controlo total sobre cada músculo. Ao curvar-se para tocar os pés, flexionando o tronco, o gorro de esqui que enterrara na cabeça caiu sobre a areia e os cabelos, da cor de carvalho envernizado, tombaram para a frente.

Ela usava-os compridos, porque assim não era obrigada a apará-los continuamente, a cuidar deles ou a criar penteados elegantes. Tudo isso era apenas mais um tipo de controlo.

Os seus olhos tinham o tom forte de verde-garrafa. Quando estava com boa disposição, brincava um pouco com o rímel e o delineador. Depois de considerar por muitos anos a questão, chegara à conclusão de que os olhos eram a melhor parte do seu rosto, feito de vários elementos que não combinavam e com linhas muito angulosas.

Era ligeiramente dentolas, porque desprezava solenemente o uso do aparelho nos dentes. Tinha ainda a testa alta e sobrancelhas escuras e quase horizontais, típicas das mulheres do lado materno da família.

Ninguém a poderia acusar de ser *bonita*. Era uma palavra muito suave e Ripley sentir-se-ia ligeiramente insultada se alguém a usasse para se referir a ela. Preferia saber que possuía um rosto forte e *sexy*. O tipo de rosto que tinha o poder de atrair os homens... Quando ela estava interessada num.

O que, reflectiu, não acontecia há vários meses.

Em parte, algumas das causas disso tinham sido os preparativos do casamento, depois os planos da viagem, o tempo que ela levava para ajudar Zack e Nell a desatar todos os nós legais para que pudessem enfim casar-se. Por outro lado, era forçada a admitir, havia a sua própria sensação de desconforto e aborrecimento, um sentimento que se instalara desde a noite do *Halloween*, quando abrira antigas fendas na sua couraça, fendas que ela mesma, deliberadamente, havia costurado e selado muitos anos antes.

Mas isso não podia ter sido evitado, reconhecia agora. Ela fizera apenas o que precisava de ser feito. Simplesmente não tinha a menor intenção de repetir a grande actuação. Não importava quantos olhares incentivadores e sorrisos afectados Mia Devlin lançasse na sua direcção.

Pensar em Mia fez surgir em Ripley uma ideia interessante. Mia estava com o chalé vazio e disponível. Nell alugara-o durante alguns meses, mas deixara-o ao casar-se com Zack. Mesmo detestando a ideia de ter qualquer tipo de ligação com Mia, ainda que fossem apenas relações de negócios, o chalé amarelo poderia transformar-se numa solução perfeita.

Era pequeno, privativo e simples.

A ideia fazia sentido, decidiu ela, e começou a subir os gastos degraus da escadaria de madeira em zig-zague que levavam à sua casa. Era uma situação irritante, mas seria algo bastante prático para si. Além disso, talvez não fizesse mal nenhum se esperasse um pouco, durante mais alguns dias, e depois deixasse escapar a notícia de que estava a procurar um lugar para alugar. Quem sabe algum outro local, algo que não pertencesse a Mia, acabasse por cair-lhe no colo?

Animada com essa possibilidade, Ripley foi saltando com energia todos os degraus escada acima e depois completou o exercício com uma pequena corrida até à varanda das traseiras.

Ela sabia que Nell já deveria estar a cozinhar a essa hora, da mesma forma que sabia que a cozinha já estaria totalmente embebida com os cheiros do paraíso. A grande vantagem daquela situação era que ela não tinha que sair à caça de um pequeno-almoço decente, que já estaria ali, pronto, à espera dela. Delicioso, aromático e maravilhoso. Era só pedir.

Ao chegar à porta e ao estender a mão para alcançar a maçaneta, Ripley viu, através do vidro, Zack e Nell. Estavam entrelaçados um no outro, pensou, como uma hera que se tivesse enroscado no mastro de uma bandeira. Mais do que isso, estavam completamente enrolados um no outro.

— Ai, que raio!

Soltando o ar baixinho, deu alguns passos para trás e a seguir voltou até à varanda fazendo uma entrada tão barulhenta quanto possível, pisando com força como se usasse ferraduras, cantarolando e assobiando bem alto.

Isso daria tempo para eles se descolarem um do outro. Pelo menos, ela esperava que sim.

Mas isso iria funcionar apenas agora, não resolveria o problema maior. Afinal de contas, ia mesmo ter que falar com a Mia.

Decidiu que ia tentar fazer com que tudo soasse o mais casual possível. Pela sua maneira de pensar, se Mia descobrisse ou sequer desconfiasse que ela estava realmente interessada no chalé amarelo, certamente iria recusar-se a alugá-lo.

Era uma pessoa totalmente do contra.

Evidentemente, a melhor forma de conseguir algum tipo de acordo seria pedir a Nell que interviesse a seu favor. Mia tinha um ponto fraco em relação a Nell. Porém, a ideia de precisar de alguém para preparar o caminho era simplesmente insuportável para si. O melhor a fazer era passar pela livraria de Mia, como quem não quer nada, da maneira a que já se acostumara a fazer quase todos os dias desde que Nell tinha assumido o cargo de cozinheira e doceira na cafeteria.

Dessa forma, e de uma só vez, ela conseguiria um sensacional almoço e ainda faria algumas incursões nesse assunto.

Ripley caminhava com decisão e passos fortes ao longo da Rua Alta, mais pressionada pela vontade de resolver o problema de uma vez por todas do que pelo vento que soprava com força. As ondas bruscas de ar infiltravam-se-lhe pelos cabelos, que ela geralmente usava presos num rabo-de-cavalo e enfiados pela abertura traseira do boné.

Ao chegar à porta da loja “Café dos Livros”, parou e apertou os lábios.

Mia tinha redecorado a montra principal da livraria. Uma base coberta por um tecido franjado, o toque sutil de um vermelho profundo e um par de castiçais altos com velas grossas e vermelhas instalado entre pilhas de livros que pareciam organizadas de forma aleatória. É claro, porém, que Mia jamais fazia alguma coisa de forma aleatória e Ripley era obrigada a reconhecer que o efeito obtido ali era o de um lugar aconchegante e caseiro, extremamente hospitaleiro. E subtilmente... muito subtilmente... *sexy*.

Está muito frio aí fora, a parecia anunciar a montra. Entre aqui, instale-se, compre alguns bons livros para levar para casa e, quando chegar, enrosque-se numa poltrona para os ler.

O que quer que Ripley pudesse dizer a respeito de Mia, e ela podia dizer muito, uma coisa era inegável: ali estava uma mulher que entendia do seu ramo de negócios.

Ao entrar na loja aquecida, desenrolou o cachecol e tirou-o do pesco-

ço. As prateleiras pintadas num tom forte de azul estavam cheias de livros coloridos, perfeitamente arrumados como numa sala de estar. Pequenas vitrinas exibiam linda bijuteria e curiosos objectos magnetizados, supostamente criados para atrair toda a poeira do ambiente. A lareira estava acesa, com chamas estáveis e reconfortantes. Uma outra manta similar à da montra da rua, só que azul, estava atirada sobre uma das poltronas fundas com um descuido que era apenas aparente, pois escondia um equilíbrio estético quase artístico.

Mia conhecia de facto o seu ofício, pensou ela.

Ainda havia mais. Outras prateleiras com velas de vários formatos e tamanhos. Fundas tigelas transparentes estavam cheias de pedras e cristais misturados. Caixas coloridas com baralhos de *tarot* e runas estavam à mostra, aqui e ali.

Mais uma vez, tudo muito subtil, reparou Ripley com um franzir das sobrancelhas. Mia não anunciava que a proprietária do lugar era uma bruxa, mas também não se preocupava em esconder o facto. Ripley imaginava que o factor curiosidade, tanto dos turistas como dos moradores do lugar, contribuía em muito para a facturação anual da loja.

Mas isso não era da sua conta.

Por trás do imenso balcão da máquina registadora, todo trabalhado, a principal funcionária de Mia e responsável pela caixa, Lulu, acabava de registar a compra de um cliente. Então, colocando os óculos com armação de prata na ponta do nariz, lançou um olhar por cima deles na direcção de Ripley.

— À procura de algo para preencher a mente hoje, em vez de apenas a barriga?

— Não. Já tenho muita coisa na minha mente.

— Quem lê mais, sabe mais.

— Pois. Só que eu... — Ripley sorriu — ...já sei tudo!

— É... Eu sempre achei que soubesses mesmo tudo. De qualquer maneira, acabámos de receber um livro novo esta semana que tem tudo a ver contigo: *101 maneiras de conquistar alguém*. E é *unissexo*!

— Lulu... — Ripley lançou-lhe um olhar arrogante enquanto subia as escadas que levavam ao segundo andar da loja. — Fui eu quem escreveu esse livro.

— A sério? — Lulu soltou uma gargalhada e respondeu bem alto: — Só que eu não te tenho visto acompanhada nos últimos tempos.

— Não tenho estado interessada em companhia, ultimamente.

Havia mais livros no segundo andar, e outros clientes curiosos, espalhados por aqui e por ali, a folheá-los. Só que ali em cima a cafetaria é que era a grande atracção. Ripley já sentia o aroma delicioso da sopa do dia, que parecia algo encorpada, substancial e bem temperada.

Os clientes da manhã, que já tinham atacado os brioches, os salgados ou o que quer que Nell tivesse sonhado em trazer naquele dia, já estavam a dar a vez aos clientes que formavam a multidão para o almoço. Num dia como aquele, Ripley imaginava que estariam à procura de algo bem quente, nutritivo e saboroso, antes de se regalarem gulosamente com uma das sobre-mesas pecaminosas da Nell.

Deu uma olhadela no balcão envidraçado e suspirou. Quiche. Ninguém no seu perfeito juízo conseguiria recusar quiche, mesmo sabendo que as outras opções eram igualmente tentadoras: pastéis, tortas de frutas, biscoitos crocantes e o que parecia ser um bolo feito de várias camadas de puro “pecado” cremoso.

A artista por trás dessas iguarias estava a atender um pedido. Os seus olhos eram de um azul-claro muito expressivo e os cabelos formavam um halo curto dourado em torno de um rosto que brilhava de saúde, paz e bem-estar. Pequenas covinhas apareciam rapidamente nas suas bochechas quando sorria, o que estava a acontecer no momento em que Nell encaminhava um cliente para uma das mesas ao lado das grandes janelas.

O casamento, pensou Ripley, parecia combinar com algumas pessoas. Nell Channing Todd era uma delas.

— Olá. Pareces muito animada hoje — comentou Ripley.

— Sinto-me óptima! O dia está simplesmente a voar. A sopa do dia é de peixe, e a sanduiche é de...

— Vou ficar pela sopa — interrompeu Ripley. — Porque estou a precisar urgentemente de uma daquelas fatias de quiche para assegurar a minha felicidade. E vou beber um café também, para acompanhar.

— Já vou trazer... E estou a assar um pernil para o jantar de hoje, lá em casa — acrescentou. — Portanto, nada de beliscar *pizzas* no caminho de volta, mais logo.

— Certo, certo, claro! — E, dizendo isso, lembrou-se do segundo motivo de ter ido até ao restaurante: negócios. Girando o corpo, lançou um olhar panorâmico pela loja. — Ainda não vi a Mia por aqui, em parte alguma.

— Está a trabalhar no escritório. — Nell serviu uma concha de sopa, colocando ao lado um pãozinho quente, com a côdea crocante. — Estou à espera que ela venha aqui para a loja a qualquer momento. Nós as duas saímos de casa hoje de manhã com tanta pressa que nem deu tempo para conversarmos. Aconteceu alguma coisa, Ripley?

— Não, não exactamente. — Talvez fosse uma atitude grosseira começar a fazer preparativos para mudar de casa sem antes comentar alguma coisa com Nell. Ripley ficou a perguntar-se se isso seria um assunto ligado, de alguma forma, à área de traquejo social, um terreno traiçoeiro para si.

— Nell... Será que vou atrapalhar o teu trabalho se comer isto lá dentro na cozinha? — perguntou. — Assim posso conversar contigo enquanto como e tu continuas a fazer as tuas coisas.

— Claro! Vamos lá para dentro. — Levou a bandeja com a comida, depositando-a sobre a mesa de trabalho. — Tens a certeza de que está tudo bem?

— Tenho — tranquilizou-a Ripley. — É que está um frio imenso lá fora e aqui na cozinha é mais quentinho. Aposto que tu e o Zack se arrependeram de não ter ficado lá pelo sul até à chegada da Primavera.

— Ah... A lua-de-mel foi perfeita! — Só de pensar nisso, Nell brilhava de satisfação. — Mesmo assim, é muito bom voltar para casa. — Nell abriu a porta do frigorífico industrial, enquanto segurava uma das saladas do dia. — Tudo o que eu mais quero na vida está aqui. Zack, a família, os amigos, uma casa toda minha. Há um ano atrás eu jamais teria acreditado que poderia estar aqui e com a certeza de que, em pouco mais de uma hora, vou estar a largar o serviço e a ir para um lar.

— Bem, tu conquistaste isso tudo.

— É verdade. — Os olhos de Nell ficaram com um tom mais escuro e concentrado. Neles, Ripley conseguia ver a fonte de uma força insuspeita — uma força que todos, até mesmo Nell, tinham subestimado. — Só que eu não consegui isso sozinha. — O agudo soar da sineta do balcão alertou-a de que alguém acabara de chegar e estava à espera para ser atendido. — Não deixes a sopa arrefecer!

Ela saiu, sorridente, levantando a voz com alegria para cumprimentar o cliente.

Ripley tomou a primeira colherada e suspirou de contentamento ao sentir o sabor. Resolveu concentrar-se no almoço e pensar a respeito dos outros problemas mais tarde. Mal tinha acabado de tomar a segunda ou terceira colher quando ouviu Nell chamar Mia, que estava a chegar.

— A Ripley está lá na cozinha. Acho que quer falar contigo.

Raios, raios, raios, pensou Ripley, baixando o rosto para a sopa e fingindo-se ocupada, enchendo a boca.

— Ora, ora, ora. Sê bem-vinda e fica à vontade. — Mia Devlin, com a sua exuberante cabeleira ruiva em cascata sobre os ombros e esparramando-se num vestido longo de um tom marcante de verde-salsa, estava apoiada com leveza no portal. O seu rosto era uma visão milagrosamente esculpida, as suas maçãs do rosto eram salientes e elegantes, a sua boca, com lábios cheios que pareciam desenhados, estava pintada de um vermelho tão arrojado quanto os cabelos. A pele era lisa e parecia cremosa e os olhos tinham um tom de cinza semelhante ao de fumo claro.

No momento, esses mesmos olhos encaravam Ripley quase preguiço-

samente, mas uma das sobrelhas estava levantada, formando um arco perfeito e quase sarcástico.

— Eu já estou à vontade, Mia — replicou Ripley, continuando a comer. — Pensei que a cozinha fosse território exclusivo da Nell, a esta hora do dia. Se soubesse que andavas por aqui, já estaria a procurar asas de morcego ou dentes de dragão aqui dentro da minha sopa.

— O problema é que é muito difícil encontrar dentes de dragão nesta época do ano. Em que é que posso ajudar-te, Delegada?

— Em nada. Eu é que tive uma ideia, algo que me passou pela cabeça, e talvez possa ser útil para ti.

— Agora fiquei curiosa! — Alta e magra, foi até à mesa e sentou-se junto a Ripley. Usava uns daqueles sapatos altos com salto-agulha, dos quais tanto se orgulhava, conforme Ripley notou. Jamais conseguira imaginar o motivo que levava uma pessoa a colocar os seus pés inocentes numa câmara de tortura, como aqueles sapatos, sem estar com uma arma apontada à cabeça.

Partindo um pedaço do pão e colocando-o na boca com cuidado, começou a mastigar alto e disse:

— Mia, perdeste uma inquilina quando Nell e Zack se enforcaram. Pelo que eu sei, ainda não fizeste nada até agora para voltar a alugar o chalé amarelo e, já que eu estou a pensar em arranjar um lugar para morar sozinha, talvez possa ajudar-te a resolver esse problema.

— Então, conta-me a tua ideia. — Fazendo uma expressão de curiosidade, Mia pegou num pedacinho do pão de Ripley e deu uma mordidela.

— Ei, eu estou a pagar por esse pão!

— A tua casa está um pouco cheia, então? — perguntou Mia, ignorando a observação sobre o pãozinho.

— Bem, a casa é muito grande. — Ripley encolheu os ombros, enquanto colocava o resto do pãozinho fora do alcance de Mia. — Acontece que tu tens um bom lugar e ele está desocupado. É um pouco apertado, mas eu também não preciso de muitas comodidades. Estou disposta a negociar um contrato de aluguer contigo.

— Um contrato de aluguer? Mas para alugar o quê? — perguntou Nell, que acabara de voltar à cozinha e foi directa ao frigorífico buscar ingredientes para preparar uma sanduíche.

— Alugar o chalé amarelo — respondeu Mia. — A Ripley está à procura de um lugar para morar.

— Ah!... Mas tu já tens um lugar para morar — disse Nell, e virou-se para trás. — Um lugar na tua casa, a morar connosco.

— Não vamos começar a lengalenga. — Era tarde demais para se arrepende de não ter falado com Mia em particular. — É que eu estava a pensar que seria porreiro ter um lugarzinho pequeno só para mim e já que a Mia

está com um lugar vazio e a precisar...

— Pelo contrário... — disse Mia suavemente. — Nem eu nem as minhas propriedades estamos a precisar do que quer que seja.

— Então não queres que te faça um favor? — Ripley levantou os ombros. — Eu não me importo de ajudar.

— Ah... Tanta consideração da tua parte ao preocupares-te assim comigo! — O tom de voz de Mia era de uma candura de algodão-doce. Isso era sempre um mau sinal. — Acontece que acabei de conseguir um novo inquilino para o chalé, há menos de dez minutos, e já me comprometi com ele.

— Conversa fiada! Estavas no escritório e Nell não me disse que havia mais alguém lá dentro contigo.

— Foi tudo pelo telefone — continuou Mia. — Eu estava a falar com um senhor de Nova Iorque. Um doutor. Assinámos um contrato para três meses de aluguer, via fax. Espero que isso alivie as tuas desconfianças.

— Como eu disse, por mim tudo bem, eu só queria ajudar. — Mas Ripley não foi suficientemente rápida para esconder que ficara aborrecida. — O que diabos é que um médico vem fazer à Ilha das Três Irmãs durante três meses? Já temos um médico residente na ilha.

— Ele não é médico. É doutor porque tem um doutoramento e, já que estás tão interessada, ele vem para cá em trabalho. O Dr. Booke é um investigador de fenómenos paranormais e mal pode esperar para passar algum tempo numa ilha que foi arrancada do continente por bruxas.

— Que grande merda! — respondeu Ripley, ainda sem acreditar.

— Sempre tão sucinta e refinada! — Divertida com a situação, Mia levantou-se. — Bem, o meu trabalho por aqui já está encerrado. Agora, preciso de ver se consigo levar um pouco de alegria à existência de mais alguém. — Deslizou até à porta, vacilando um segundo antes de se virar e completar: — Ah, e mais uma coisa. O nosso bom doutor chegará já amanhã. Estou certa de que ele vai adorar conhecer-te, Ripley.

— Fica com os teus esquisitos caçadores de fantasmas longe de mim. Raios! — Ripley provou a sua quiche, resmungando. — Ela deve estar a adorar isto!

— Não saias daí. — Nell recolheu a loiça. — A Peg vai chegar daqui a cinco minutos para o turno dela. Quero falar contigo.

— Tenho que fazer a ronda.

— Aguenta só um bocadinho mais.

— Isto quase arruinou o meu apetite — reclamou Ripley, mas conseguiu devorar a sua fatia inteira.

Pouco mais de quinze minutos depois, já estava novamente do lado de fora, caminhando a passos largos com Nell ao seu lado.

— Precisamos de conversar melhor sobre esse assunto.

— Olha, Nell, não é nada demais. É que eu estava apenas a pensar...

— Pois, estavas apenas a pensar. — Nell puxou o gorro de lã mais para baixo, para cobrir as orelhas. — E não falaste nada sobre isso, nem a mim nem ao Zack. Quero saber por que é que achas que não podes permanecer na tua própria casa.

— Certo, certo. — Ripley colocou os óculos escuros e encurvou ligeiramente os ombros para a frente, enquanto seguiam pela Rua Alta em direção à esquerda. — É que me parece que, quando as pessoas se casam, precisam de um pouco de privacidade.

— Mas aquela é uma casa muito grande! Nós não ficamos no caminho uns dos outros. Se ainda fosses do tipo doméstico, eu conseguiria entender que te sentisses deslocada por eu ficar tanto tempo a ocupar a cozinha.

— Essa é a menor das minhas preocupações.

— Exactamente. Nem sequer cozinhas! E espero que não estejas a pensar que me sinto ofendida por preparar toda a comida sem a ajuda de ninguém.

— Não, claro que não. Eu sei que não te sentes ofendida e que adoras cozinhar... E eu estou-te muito grata por isso, Nell. Estou mesmo.

— Então é porque eu me levanto cedo demais?

— Não.

— Talvez seja porque eu fiquei com um dos quartos vazios para usar como escritório para o Bufete das Três Irmãs?

— Não! Pára com isso. Raios, ninguém estava a usar aquele quarto para nada. — Ripley sentiu-se como se estivesse a ser sistematicamente atacada com um bastão de veludo. — Olha, ouve, o problema não é a cozinha ou o quarto que nem era usado e também não se trata do teu espantoso hábito de sair da cama muito antes de o sol nascer. O problema é... o sexo.

— Como?

— Tu e Zack fazem... sexo.

— Sim, confesso que fazemos. — Nell parou e inclinou a cabeça um pouco para o lado enquanto estudava o rosto de Ripley. — Não há como negar isso. Na verdade, temos feito muito sexo.

— Então, é isso mesmo!

— Mas, Ripley... Antes de me mudar oficialmente para tua casa, o Zack e eu dormimos várias vezes lá e isso nunca pareceu incomodar-te.

— Era diferente. Aquilo era só sexo regular. Agora, vocês estão a fazer sexo depois de se terem casado.

— Entendo... Bem, posso assegurar-te de que o processo funciona quase exactamente da mesma maneira.

— Pois, muito engraçado! — Nell conseguiu evoluir muito, avaliou Ripley. Houve um tempo em que o mais simples indício de confronto a teria feito voltar para dentro da concha. Aqueles dias tinham ficado para trás. — É que é um pouco estranho, Nell, entendes? Tu e o Zack estão naquela fase do senhor e da senhora e eu estou sempre à volta, a perturbar. E se vocês resolvessem fazer aquela posição do “tango horizontal” em cima do tapete da sala ou simplesmente resolvessem jantar nus numa noite qualquer?

— Bem, na verdade, já executámos esse tango. A segunda ideia ainda não, mas gostei da sugestão. Poderíamos pensar a esse respeito. Só que... Ripley. — Nell tocou no braço da amiga, esfregando-o com delicadeza. — Eu não quero que te vás embora.

— Meu Deus, Nell, a ilha é pequena! Eu não vou para nenhum lugar onde nunca mais me vais ver.

— Mas eu não quero que te mudes — repetiu ela. — E estou a dizer isto por mim mesma, nem é pelo Zack. Podes depois conversar com ele em privado, se quiseses saber como ele se sente a esse respeito. Por mim, Ripley, eu... eu nunca tive uma irmã na vida.

— Ah, meu Deus... — Ela encolheu-se involuntariamente, olhando à volta por trás dos óculos escuros. — Pára com esses sentimentalismos, pelo menos não aqui, assim, no meio da rua.

— Não posso evitar. Eu gosto de saber que estás lá e que posso conversar contigo sempre que tiver vontade. Estive com os teus pais apenas por alguns dias quando vieram para o casamento, mas, tendo conhecido os dois e tendo-te por perto, é como se eu tivesse uma família novamente. Não podemos deixar as coisas como estão, pelo menos por mais algum tempo?

— O Zack consegue negar-te alguma coisa, quando pedes algo poisando esses faróis azuis que te saem dos olhos em cima dele?

— Não, quando ele sabe que é algo realmente importante para mim. E, se ficares, prometo que todas as vezes que o Zack e eu *curtirmos*, vamos fingir que não somos casados.

— Bem, isso talvez ajude. De qualquer modo, já que um idiota qualquer de Nova Iorque acabou de se apossar do chalé bem debaixo do meu nariz, vou ter que deixar o barco seguir em frente. — Ripley soltou um suspiro doloroso. — Investigador de fenómenos paranormais uma ova! Doutoramento! Já estou a ver o filme! — Ela virou o rosto com um olhar de desprezo, sentindo-se ligeiramente animada. — Aposto que a Mia lhe alugou o chalé só para me deixar irritada.

— Acho que não, porque ela nem sabia do teu interesse. Mas tenho a

certeza de que deve estar a adorar esse benefício extra. Eu gostava tanto que vocês as duas não implicassem uma com a outra. Na verdade até esperava que, depois... depois do que aconteceu na noite do *Halloween*, vocês voltassem a ser grandes amigas.

— Toda a gente fez apenas o que precisava de ser feito, naquela noite. — Ripley encerrou o assunto. — Agora, acabou de vez. Nada mudou para mim.

— Apenas a primeira fase acabou — corrigiu Nell. — Se a lenda estiver certa...

— Essa lenda não passa de um monte de parvoíces! — cortou Ripley. Só em pensar no assunto já estragava o seu dia.

— O que nós somos não é uma parvoíce, Ripley. O que está dentro de nós também não.

— E o que eu faço com o que está *dentro* de mim é um assunto que só a mim diz respeito. Não vás por aí, Nell.

— Tudo bem. — Mas Nell apertou a mão de Ripley e, mesmo através das luvas que ambas usavam, sentiu uma pequena descarga de energia.

— Vemo-nos no jantar, então.

Ripley fechou a mão e ficou a esfregá-la, enquanto Nell seguia em frente, descontraída. A sua pele ainda formigava devido ao contacto. *Bruxinha esperta...* pensou. E Ripley admirava-a por isso.

Os sonhos chegaram tarde naquela noite, quando a sua mente estava aberta e a sua determinação em repouso. Ela conseguia negar durante o dia, fechar-se e manter-se fiel à postura que resolvera adoptar há já mais de dez anos.

O sono, porém, tinha poderes próprios e seduzia os seus sonhos.

Neles, ela via-se em pé na praia, num local onde as ondas se levantavam com fúria. Elas golpeavam, escuras e cruéis, e rebentavam na areia, fazendo um barulho semelhante ao de mil corações que batiam descompassados sob um céu fechado.

A única luminosidade eram os pequenos fachos de luz que chicoteavam cada vez que ela levantava os braços. E a luz que saía dela tinha uma cor dourada que parecia enfurecida, riscada por sulcos num tom de vermelho-sangue.

O vento rugia.

A sua violência, o *Poder* puro e selvagem daquele seu ribombar, fazia-a estremecer de emoção, atingindo-a em algum lugar secreto e profundo. Ela sentia que estava além de tudo o que existia, além do que era certo, além de todas as regras.

Além das esperanças.

E uma parte dela, ainda cintilando, vertia lágrimas de pesar pela perda.

Fizera o que fizera e agora os crimes tinham sido vingados. Uma morte pela outra... e pela outra. Um círculo formado de ódio. Multiplicado por três.

Soltou um grito triunfante enquanto sentia uma nuvem de fumo negro preenchê-la por dentro, esmagando e sufocando tudo o que ela tinha sido e todos os votos que fizera. Tudo em que acreditar.

Isto... pensava, enquanto esticava as mãos colocadas em concha, tremendo de força e ganância... era muito melhor. O que ela tivera antes era pálido e fraco, uma massa mole comparada à força e aos músculos do que ela tinha agora.

Podia fazer tudo, qualquer coisa. Podia dar, tirar e governar. Não havia nada, nem ninguém que a pudesse impedir.

Movimentando-se numa dança enlouquecida, girava pela superfície arenosa, ligeiramente acima dela, com os braços abertos como asas e os cabelos lançando-se para trás, enroscando-se encaracolados, como se fossem cobras. Conseguia saborear a morte do assassino da sua irmã, o sabor forte a cobre do sangue que acabara de derramar e sabia que nada, jamais, a deixara tão saciada.

A sua gargalhada, disparada como setas, perfurou a abóbada negra do céu. Uma torrente de chuva escura caiu e os pingos chiaram na areia, como se fossem gotas de ácido.

Foi então que ele a chamou.

Algures, entre a noite selvagem e a sua própria fúria, ela conseguiu ouvir a sua voz. A fraca centelha do que tinha sido lutava dentro de si para se tornar mais brilhante.

Viu-o, então. Apenas uma sombra mal delineada que lutava contra o vento e a chuva, tentando alcançá-la. O Amor lutava e chorava dentro de um coração que se congelara.

— *Vai-te embora!* — gritou ela. O som da sua voz tinha a força de um trovão, fazendo o mundo estremecer.

Mas ele continuava a aproximar-se, com as mãos estendidas na sua direcção, tentando alcançá-la, resgatá-la e trazê-la de volta. E ela então viu, durante um curtíssimo instante, o brilho dos olhos dele contrastando com o escuro da noite. Um brilho de amor e de medo.

De repente, vinda do céu, desceu uma comprida lança de fogo. E no mesmo instante em que ela gritava e sentia a luz dentro de si corcovar, a lança de fogo atravessou-o.

Ela sentiu a morte dele dentro de si. A dor e o horror que criara volta-

vam, multiplicados por três.

E a luz dentro dela apagou-se, deixando-a com frio, frio, muito frio.



Capítulo 2

Ele não parecia assim tão diferente dos outros passageiros do batelão. O sobretudo preto e comprido drapejava ao vento. O cabelo, num tom de louro-escuro bastante comum, voava em torno do seu rosto e não tinha um corte especial.

Lembrara-se de fazer a barba e conseguira a façanha de se cortar apenas em dois sítios, bem de leve, logo abaixo da curva do queixo. O seu rosto, que era muito bonito, estava semi-oculto por uma das suas muitas máquinas fotográficas e ele tirava fotografias da ilha, sem parar, usando lentes de longo alcance.

A sua pele ainda conservava o bronzeado tropical que apanhara no Bornéu. Em contraste com o tom ensolarado da pele, os olhos tinham a cor dourada de mel recém-engarrafado. O nariz era aquilino e estreito e o rosto um pouco comprido.

As bochechas encovadas, logo abaixo das maçãs do rosto, tinham tendência para parecer ainda mais profundas quando se envolvia de tal forma com o trabalho que se esquecia até mesmo de comer devidamente. Isso dava-lhe um curioso ar de intelectual faminto.

A sua boca sorria com facilidade, de modo sensual. Era muito alto, tinha um porte muito elegante. Era também muito desastrado.

Teve que se agarrar de repente, e com força, ao gradeamento do batelão, que balançara ligeiramente e quase o atirara por cima da amurada. Estava debruçado demais, é claro. Sabia disso, mas a emoção da expectativa levava-o, frequentemente, a esquecer-se da realidade do momento presente.

Recuperando o equilíbrio, conseguiu aprumar-se e enfiou a mão no bolso do casaco, em busca de um rebuçado ou de uma pastilha elástica.

Conseguiu pescar uma embalagem pré-histórica de rebuçados de limão, duas folhas amassadas de papel de bloco e um bilhete de cinema, o que o deixou desconcertado pois nem se lembrava quando tinha ido ao cinema pela última vez. Encontrou também uma tampa de lente que julgava perdida.

Contentou-se com os rebuçados de limão e ficou a observar a ilha.

Já se tinha consultado com um xamã no Arizona, visitara um homem

que se dizia vampiro, nas montanhas da Hungria, tinha sido amaldiçoado por um “brujo” após um lamentável incidente no México. Morara também, por algum tempo, em companhia de vários fantasmas numa casa assombrada na Cornualha e documentara os antigos rituais de um psíquico que comunicava com os mortos, na Roménia.

Durante quase vinte anos, MacAllister Booke estudara, registara e testemunhara o inacreditável e o impossível. Já entrevistara bruxas, fantasmas, lobisomens e pessoas raptadas por extra-terrestres. Também estivera com médiuns famosos. Noventa e oito por cento de tudo o que vira nas suas pesquisas era falso, ilusório ou fraudulento. Os outros dois por cento que restavam, no entanto... Bem, esses eram os casos que o faziam seguir em frente.

Não acreditava apenas no extraordinário. Tinha feito disso o trabalho da sua vida.

A perspectiva de passar os próximos meses num pedaço de terra que, segundo a lenda, tinha sido arrancado do continente americano, em Massachusetts, por um trio de feiticeiras e levado pelo ar até pousar no mar como um santuário, era fascinante para ele.

Pesquisara tudo sobre a Ilha das Três Irmãs, exaustivamente, e tinha escavado cada pedaço de informação que conseguira a respeito de Mia Devlin, a actual bruxa da ilha. Ela não lhe prometera uma entrevista, nem acesso a nada que fosse relacionado com o seu trabalho. Mesmo assim, o investigador alimentava a esperança de persuadi-la.

Um homem que já conseguira participar numa cerimónia executada por neo-druidas deveria ser capaz de convencer uma bruxa solitária a deixar que ele assistisse à realização de alguns feitiços.

Além do mais, imaginava que eles podiam fazer uma espécie de troca. Afinal de contas, ele possuía algo que com certeza podia interessar-lhe a ela ou a qualquer pessoa que estivesse ligada à velha maldição sobre a ilha, que já completara mais de trezentos anos.

Levantou a câmara novamente, ajustando o enquadramento para captar a forma de lança do farol branco e o caminho melancólico que levava até à velha casa de pedra, ambos à beira de altos penhascos. Sabia que Mia Devlin morava ali, bem acima da cidade, junto de uma espessa faixa de floresta.

Também sabia que ela era dona da livraria da cidade e que a administrava com muito sucesso. Uma bruxa praticante que, pelo que parecia, sabia como viver e vivia bem em ambos os mundos.

Ele mal podia esperar para a encontrar frente a frente.

O barulho ensurdecidor do apito do batelão avisou que estava na hora de atracar. Voltou para dentro do seu Land-Rover e colocou a câmara novamente no estojó, que ficara no assento ao lado do condutor.

A tampa da lente ficou, mais uma vez, esquecida no seu bolso.

Aproveitando esses últimos minutos para si mesmo, actualizou algumas notas e, a seguir, acrescentou novas informações no diário de viagem.

A viagem de batelão foi muito agradável. O dia está claro e frio. Consegui tirar muitas fotografias de diferentes pontos, de um ângulo privilegiado, embora vá precisar de alugar um barco para a exploração do outro lado da ilha.

Geograficamente e topograficamente, não existe nada de especial a respeito da Ilha das Três Irmãs. É uma área de, aproximadamente, trinta quilómetros quadrados e os seus habitantes permanentes, que basicamente vivem da pesca ou do turismo, não chegam a três mil. Há uma linda praia de areias brancas, numerosas enseadazitas e outras praias mais ao norte com solo argiloso. É parcialmente composta de florestas e bosques e a fauna nativa inclui o cervo, o coelho e o guaxinim. Existem ainda aves marinhas em toda a área, bem como corujas, falcões e plácidos pica-paus nas regiões arborizadas.

Há apenas uma pequena cidade. A maioria dos habitantes mora na área urbana da cidade propriamente dita ou num raio de até um quilómetro a partir dos seus limites, embora existam algumas casas e chalés para alugar, mais longe do centro.

Não existe nada na aparência física da ilha que possa indicar uma fonte de actividades paranormais. Já aprendi, porém, que as aparências não são ferramentas confiáveis.

Estou ansioso para conhecer Mia Devlin e iniciar o meu estudo.

Ao chegar a esse ponto do relatório, sentiu o pequeno solavanco do batelão, que acabara de atracar, mas não levantou a cabeça e continuou a escrever.

Acabámos de chegar. Ilha das Três Irmãs, 6 de Janeiro de 2004

E olhou para o relógio. 12:03

As ruas da cidade pareciam ter saído de um livro de histórias, de tão bem-arrumadas, incluindo o único sinal de trânsito. Mac conduziu pelas redondezas, circulou pela parte central do local e, enquanto conduzia, relatava em voz alta as suas primeiras impressões para um gravador portátil. Era capaz

de encontrar antigas ruínas Maias no meio de uma floresta tropical a partir de um mapa feito às pressas sobre um guardanapo amassado, mas costumava esquecer a localização de pontos mais comuns e urbanos. *Banco, estação dos correios, mercado. Ah, uma pizzaria, bom sinal!*

Encontrou com facilidade um lugar para estacionar a poucos metros do “Café dos Livros”. Gostou da aparência do lugar, de imediato.

A montra bem iluminada, a vista do mar. Pegou na sua pasta, atirou o mini-gravador lá para dentro, só por garantia, e saltou do carro.

Gostou ainda mais do interior da loja. A alegre e crepitante lareira de pedra, o imenso balcão de madeira entalhada, cheio de figuras de luas e estrelas. Século XVII, avaliou, e era uma peça perfeitamente adequada para um museu. Aparentemente, Mia Devlin possuía um bom gosto tão apurado quanto o seu talento.

Começou a caminhar na direcção do balcão e da pequena mulher com aparência de gnomo que estava sentada, num banco alto, atrás dele. Um movimento, uma explosão de cor no canto do seu campo de visão atraiu-lhe a atenção. Mia saiu de trás das estantes e sorriu.

— Boa-tarde. Posso ajudá-lo?

O seu primeiro pensamento foi: *Uau!*

— Eu sou ahn... Estou à procura da senhora Devlin. Mia Devlin.

— Pois acabou de a encontrar. — E caminhou na direcção dele, já com a mão estendida. — O senhor é MacAllister Booke?

— Sim. — As mãos dela eram longas e estreitas. Diversos anéis espalhavam-se como jóias sobre seda branca. Ele ficou com medo de lhe apertar demais a mão.

— Seja bem-vindo à Ilha das Três Irmãs. Por que não sobe comigo? Vou servir-lhe uma chávena de café, ou talvez o senhor prefira almoçar. Temos muito orgulho da nossa comida.

— Bem, eu não recusaria um almoço. Ouvi maravilhas sobre a sua cafetaria.

— Perfeito, então! Espero que a sua viagem tenha corrido sem novidades.

— Correu tudo bem, obrigado. — *Pelo menos até agora*, pensou, enquanto a seguia pela escada acima. — Gostei imensamente da sua loja.

— Obrigada. Também gosto muito dela. Espero que o senhor aproveite bastante o nosso espaço, durante a sua estadia na ilha. Esta é a minha amiga, e a artista da nossa cafetaria, Nell Todd. Nell, gostaria de te apresentar o Dr. Booke.

— Muito prazer em conhecê-lo.

Ela exibiu as suas covinhas enquanto se inclinava sobre o balcão para apertar a mão do recém-chegado.

— O Dr. Booke acabou de chegar do continente e acho que está a planear almoçar. A refeição é por conta da casa, Dr. Booke. Simplesmente diga a Nell o que gostaria de comer.

— Vou querer a sanduíche especial e um *cappuccino* grande, obrigado. É você mesma quem prepara as refeições?

— Sou, pois. E recomendo a torta folhada com recheio de maçã.

— Vou experimentar.

— E para ti, Mia?

— Apenas uma tigela de sopa e um pouco de chá de jasmim.

— Já vai a caminho! Trago os vossos pedidos já, já.

— Acho que não vou precisar de me preocupar com as refeições enquanto estiver aqui — comentou Mac, enquanto se sentavam numa das mesas junto da janela.

— Nell também é dona do Bufete das Três Irmãs. E entrega ao domicílio.

— É bom saber isso. — Pestanejou duas vezes mas sem perder por um instante a visão do lindo rosto de Mia. — Olhe, eu preciso de lhe dizer uma coisa e espero que não fique ofendida. Você é a mulher mais linda que já vi em toda a minha vida.

— Obrigada. — Ela recostou-se na cadeira. — E saiba que não fiquei nem um pouco ofendida.

— Que bom. Não quero começar as coisas com o pé esquerdo, pois espero que venhamos a trabalhar juntos.

— Mas como eu já lhe expliquei por telefone, Dr. Booke, eu não trabalho com plateia.

— Espero que mude de ideia, depois de me conhecer melhor.

Ele possuía um sorriso magnético, avaliou ela. Charmosamente torto, enganosamente inofensivo.

— Isso ainda vamos ver, com o tempo. Em relação ao seu interesse pela ilha propriamente dita, e pelas suas histórias, não lhe vão faltar dados. A maioria das famílias dos habitantes mora na ilha há muitas gerações.

— A família Todd, por exemplo — disse ele, olhando de relance na direcção do balcão.

— A Nell casou-se com um Todd, na verdade há pouco menos de duas semanas. O marido é Zachariah Todd, o nosso xerife. Embora ela seja, digamos, relativamente nova na ilha, a família Todd vive aqui há já muitas gerações.

O Dr. Booke sabia quem era Nell. A ex-mulher de Evan Remington. Um homem que exercera um grande poder e uma influência considerável na indústria do cinema. Um homem que tinha revelado possuir um carácter violento.

Remington havia sido declarado legalmente insano e estava internado, confinado numa instituição para doentes mentais.

O Xerife Todd havia sido o responsável pela sua prisão, na Ilha das Três Irmãs, após o que a imprensa havia descrito como “uma sucessão de estranhos eventos” ocorridos na noite do *Halloween*.

A noite do *Sabbat de Samhain*.

Esta era uma das coisas que Mac tencionava estudar mais a fundo.

Mas, assim que começou a falar sobre o assunto, algo na expressão de Mia o aconselhou a aguardar.

— Parece delicioso. Obrigado — disse a Nell, enquanto esta lhes servia a refeição.

— Bom apetite! Mia, hoje à noite continua tudo certo?

— Claro!

— Então, vou chegar lá por volta das sete horas. Pode chamar-me, se quiser mais alguma coisa, Dr. Booke.

— A Nell acabou de chegar da lua-de-mel — disse Mia com a voz mais baixa, quando se viu novamente sozinha com o visitante. — Não creio que perguntas a respeito de certas passagens da vida dela sejam apropriadas no momento.

— Tudo bem.

— O senhor é sempre tão cordato, Dr. Booke?

— Só Mac, por favor. Acho que não. Mas não quero deixá-la furiosa logo de início. — E deu uma dentada na sanduíche. — Está uma delícia! — disse, com a boca meio cheia. — Realmente muito boa.

— Está a ser assim tão simpático só para encantar os nativos, Mac? — perguntou Mia, inclinando-se para frente e brincando com a colher dentro da tigela da sopa.

— Parece-me que você também é muito boa nisso. Possui algum dote psíquico?

— E não possuímos todos, a algum nível? Não foi num dos seus trabalhos que desenvolveu a ideia do que chamou “o nosso sexto sentido negligenciado”?

— Você já leu o meu trabalho, então?

— Li. O que eu sou, Mac, não é algo de que tenha vergonha ou despreze. Também não é algo que eu explore ou permita que seja explorado. Concordei em alugar-lhe o chalé e conversar consigo sempre que tiver vontade, apenas por um simples motivo.

— E qual é?

— Você possui uma mente brilhante e, o que é mais importante, bastante flexível. Admiro isso numa pessoa. Quanto a aprender a confiar nela, isso é algo que só o tempo dirá. — Olhou em volta, estendendo o braço. — E

ali vemos chegar alguém com uma mente igualmente brilhante, mas muito inflexível. A Delegada Ripley Todd.

Mac levantou o olhar e viu a atraente morena dirigir-se ao balcão, encostar-se a ele e começar a falar com Nell.

— Ripley, se não me engano, é mais um dos nomes comuns aqui na ilha.

— Sim. É a irmã de Zack. A mãe dela também era uma Ripley, é claro. Os dois irmãos têm laços fortes e antigos, dos dois lados da família, com o passado remoto da Ilha das Três Irmãs... Laços fortes e antigos... — repetiu Mia. — Se está à procura de alguém céptico para servir de contraponto para a sua pesquisa, é com Ripley que deve conversar.

Sem conseguir evitar, Mia acabou por chamar a atenção da Delegada para a mesa em que estavam. Normalmente, Ripley lançaria simplesmente um olhar de desprezo e tomaria a direcção oposta. Mas uma cara nova na ilha geralmente valia a pena ser investigada.

Um sujeito com boa aparência, pensou enquanto se aproximava. De um modo meio intelectual. E, logo que o pensamento se formou, as suas sobrancelhas franziram. *Intelectual.... Então esse deve ser o Doutor em Esqui-sitologia, o tal que é amigo da Mia.*

— Dr. MacAllister Booke, gostaria que conhecesse a Delegada Ripley Todd.

— Prazer em conhecê-la. — Ele levantou-se e surpreendeu-a com o seu tamanho. A maior parte da sua elevada estatura, avaliou, era composta de pernas.

— Eu não sabia que davam diplomas de doutoramento pelo estudo de palermices.

— Não é adorável? — sorriu Mia, como se estivesse orgulhosa. — Eu estava mesmo a sugerir ao Mac que te entrevistasse, caso precisasse da visão de alguém com mente estreita e espírito fechado. Afinal, isso não levaria muito tempo.

— Ahn... — fez Ripley, abrindo a boca. — Deixa-me bocejar por um momento. — Enfiou os polegares nos bolsos das calças, examinando o rosto de Mac. — Não creio que tenha muito a dizer que o possa interessar, Doutor. Mia é que é a deusa do *abracadabra* por aqui. No entanto, se precisar de alguma informação sobre os factos práticos da vida do dia-a-dia na nossa ilha, poderá encontrar-me por aí, bem como ao Xerife Todd.

— Agradeço muito. Na verdade, sou apenas mestre em *palermice*. Ainda não apresentei a minha tese de doutoramento.

— Engraçadinho! — disse ela, com os lábios simulando um sorriso. — Aquele Land-Rover lá fora é seu?

— Sim. — *Será que deixei as chaves na ignição outra vez?*, pensou, apal-

pando os bolsos. — Algum problema?

— Tem uma roda em cima do passeio. Bem, vou buscar alguma coisa para almoçar.

— Ela não é sarcástica e irritante de propósito — explicou Mia quando Ripley se afastou. — Já nasceu assim.

— Por mim está tudo bem. — Ele sentou-se novamente, continuando a comer. — Eu enfrento muito este tipo de coisas — e acenou com a cabeça para Mia. — Imagino que também passe por isso.

— De vez em quando. Você parece-me muito bem adaptado e afável, não é, Dr. MacAllister Booke?

— Receio que sim. Devo ser até meio chato.

— Não acho. — Mia pegou no seu chá e ficou a observá-lo por cima da chávena. — Não, não acho mesmo nada.

Mac deixou as suas coisas no Land-Rover e partiu numa inspecção solitária pelo interior do chalé amarelo. Ele assegurara a Mia que não era necessário que ela o acompanhasse. O facto é que preferia sentir o lugar sem tê-la por perto. Mia possuía uma presença forte, magnética, e poderia distraí-lo.

A casa era pequena, tinha um charme curioso e estava muitos pontos acima da maioria dos alojamentos em que ele ficava durante as suas viagens de estudo. Tinha consciência de que muitas pessoas o consideravam um homem mais adequado aos recantos sombrios e empoeirados de uma biblioteca. Frequentemente, ele próprio se sentia assim, embora conseguisse ficar igualmente à vontade numa tenda de campanha no meio da selva, desde que conseguisse energia eléctrica suficiente para carregar as baterias dos seus inúmeros equipamentos.

A sala de estar era pequena mas acolhedora, com um sofá que parecia ter sido confortavelmente amaciado pelo uso constante e uma pequena lareira já preparada para ser acesa. Resolveu fazer isso de imediato e apalpou os bolsos de forma distraída, antes de avistar uma caixa de fósforos em cima do pequeno fogão.

Sentindo-se grato por uma pequena dádiva como aquela, acendeu imediatamente o fogo e continuou a sua visita pelo chalé. Como falava sozinho com frequência, a casa foi repentinamente invadida por pequenos ecos da sua própria voz.

— Dois quartos. Aquele vai servir como um escritório secundário. Em princípio, acho que vou instalar-me na sala de estar. A cozinha serve bem. Em caso de desespero, cozinho alguma coisa. Nell Todd...

Enfiou novamente as mãos nos bolsos e retirou um cartão do Bufete

das Três Irmãs, que tirara do balcão da caixa da cafetaria. Pousou-o em cima do fogão, onde poderia vê-lo com facilidade se pensasse em cozinhar.

Olhando pelas janelas, apreciou o denso bosque que ficava atrás da casa e notou a ausência de outras casas próximas. Era muito comum trabalhar nas horas mais estranhas, às vezes noite adentro. Ali não haveria nenhum vizinho suficientemente perto para vir reclamar do possível barulho.

Atirou a mochila que trouxera consigo para cima da cama do quarto maior e sentou-se na berma para testar o colchão.

A imagem de Mia surgiu imediatamente na sua cabeça. *Calma, rapaz, avisou-se a si mesmo em pensamentos. Nada de pensamentos carnais a respeito de uma mulher que poderá ser capaz de os arrancar da tua cabeça e que, para além do mais, é o principal alvo do teu estudo.*

Satisfeito com o que conseguira como moradia para os próximos meses, saiu, a fim de descarregar o Land-Rover.

Na segunda viagem até ao carro, parou ao notar que o carro-patrolha do xerife estava estacionado em frente à sua porta e que Ripley já começava a preparar-se para sair.

— Delegada Todd!

— Dr. Booke! — Ela sentia-se ligeiramente culpada por ter implicado com ele logo no primeiro encontro. Tinha a certeza de que não estaria a sentir-se assim se Nell não tivesse chamado a sua atenção a respeito do facto. — Você tem um monte de tralha!

— Qual quê! Isto é apenas uma parte do material. Vai chegar mais amanhã, coisas que mandei vir do continente.

— Ainda há mais? — quis saber ela, curiosa por natureza, enquanto olhava para a traseira do Land-Rover.

— Sim, muito mais. Toneladas de equipamento muito janota.

— *Janota?*

— Sim, e muito! Sensores, *scanners*, medidores, câmaras e computadores. Brinquedinhos muito porreiros.

Ele parecia tão empolgado com a ideia, que ela não teve coragem de franzir as sobrancelhas para ridicularizá-lo.

— Vou dar-lhe uma ajudinha a levar isto tudo lá para dentro.

— Não se incomode. Há coisas aí que são muito pesadas.

— Então deixe essas para mim, Doutor! — Desta vez ela franziu realmente as sobrancelhas e tirou uma grande caixa do porta-bagagens.

— Obrigado. Você pratica nalgum ginásio ou faz levantamento de pesos? Quanto é que consegue levantar?

— Geralmente, faço sete séries de doze levantamentos, com pesos de quarenta quilos. — Levantou as sobrancelhas, analisando-o. Não dava para ter uma ideia da definição dos músculos do corpo dele, por causa do casaco

comprido e da camisola grossa que usava por baixo. — E você, consegue levantar quanto?

— Mais ou menos a mesma coisa... Quer dizer, considerando a relação entre o peso do meu corpo e o do seu. — Saiu da casa novamente, deixando que ela o seguisse. Ripley tentou ter uma noção da largura dos seus ombros... e do formato do seu rabo.

— E o que é que faz com todos esses equipamentos... *janotas*? — perguntou ela.

— Estudo, faço medições, observo, gravo, documento factos. Tudo que se relacione com o oculto, o paranormal, o misterioso. Você sabe, tudo o que seja diferente do normal.

— Sei... Um circo de aberrações.

— Bem, há pessoas que pensam assim. — Ele sorriu simplesmente. Não apenas com a boca, mas com os olhos também.

Juntos, continuaram a carregar o resto das caixas e malas para dentro.

— Vai levar uma semana a desempacotar tudo — comentou ela.

— Na verdade, eu não tinha planeado trazer tanta coisa. — Coçou a cabeça olhando para os volumes à sua volta. — O problema é que nunca sabemos do que vamos precisar de repente. Uma vez, estava eu no meio da selva, no Bornéu, e tive vontade de chutar o próprio rabo por me ter esquecido de levar o detector de energia residual... É como um sensor de movimento, só que um pouco diferente. Enfim, não se consegue encontrar um aparelho desses no Bornéu.

— Imagino que não.

— Venha, vou mostrar-lhe. — Tirou o casaco com movimentos ágeis, atirou-o descuidadamente para um canto qualquer e inclinou-se para a frente, para remexer numa das caixas.

Surpresa, surpresa!..., pensou Ripley. O Doutor Esquisito possuía um excelente rabo.

— Veja só, é este aqui — e mostrou-lhe um dos aparelhos. — Dá para transportar numa só mão. É totalmente portátil. Fui eu mesmo quem o projectou.

Ela olhou e o que viu pareceu-lhe um pequeno contador Geiger, embora nunca tivesse visto um contador Geiger de perto.

— Esta maquina detecta e mede as forças energéticas positivas e negativas — explicou ele. — Para esclarecer melhor, ela reage a partículas carregadas que estão no ar, ou num objecto sólido, ou até mesmo na água. Só que este aqui não é à prova de água. Estou a preparar um que vai ser submergível. Por enquanto, este serve. Posso conectá-lo ao computador para gerar uma representação gráfica do tamanho e da densidade da força a ser analisada e

outros dados pertinentes.

— Anh-anh... — Ela levantou a cabeça e olhou para o rosto dele. Parecia completamente absorvido, compenetrado, levando aquilo tudo tão a sério, pensou, e ao mesmo tempo completamente empolgado com a sua pequena engenhoca. — Você é totalmente viciado nesses aparelhos electrónicos, não é?

— Sou pois, bastante viciado. — Ele virou a pequena unidade de cabeça para baixo, ainda segurando-a na mão, para verificar o estado das pilhas. — Sempre tive um grande interesse por coisas paranormais e pequenos aparelhos electrónicos. Consegui encontrar um meio de me realizar pelos dois lados.

— Bem, se isso o deixa tão excitado... — Ela observava as caixas e mais caixas de equipamentos ainda embalados. Era como se uma loja de informática tivesse explodido ali dentro. — E todo esse ferro-velho *high-tech*, aposto que custou os olhos da cara, não?

— Mmm... — Ele não estava a prestar muita atenção ao que ela dizia. As agulhas do sensor que ligara para testar começavam a dar sinais de vida, fazendo uma leitura ainda fraca, mas bem definida.

— Consegue algum tipo de subsídio de institutos nessa área, ou bolsas para as pesquisas?

— Sim, talvez consiga, mas na verdade nunca procurei, porque nunca precisei. Sabe, sou um viciado em engenhocas, mas também sou muito rico.

— A sério?... Não deixe a Mia saber desse detalhe senão irá aumentar logo o preço do aluguer. — Curiosa, ela continuava a circular à volta das caixas. Ripley sempre gostara muito do pequeno chalé e ainda estava um pouco aborrecida por não ser ela a mudar-se para lá. Além do mais, toda aquela parafernália e o próprio MacAllister Booke não estavam a fazer muito sentido para si.

De repente, sem conseguir resistir, disse:

— Escute, normalmente sei muito bem cuidar da minha própria vida e não tenho o mínimo interesse no trabalho que você realiza, mas não posso deixar de dizer que tudo isto não parece encaixar-se. Senão, veja: você é um professor de assuntos *esquisitos*; é um sujeito muito rico, mas viciado em estranhos brinquedos electrónicos; vem para uma ilha e fica num minúsculo chalé amarelo. De que é que está realmente à procura?

— De respostas. — Desta vez ele não sorriu. O seu rosto assumiu uma expressão calma, mas era como se tivesse intenções misteriosas.

— Que tipo de respostas?

— Todas as que conseguir encontrar. E você tem uns olhos lindos.

— O quê?

— Estava a reparar. São totalmente verdes. Nem um pouco acinzentados, nem ligeiramente azuis. Apenas intensamente verdes. E muito bonitos.

— Está a fazer-se a mim, Doutor Esquisito? — perguntou ela, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado.

— Não! — Ele quase corou. — É que eu simplesmente reparei, só isso. Muitas vezes nem noto que estou a falar em voz alta tudo o que me passa pela cabeça. Acho que isso acontece porque passo muito tempo sozinho e acabo por pensar em voz alta.

— Certo. Tudo bem, então. É melhor eu ir andando.

— Agradeço muito a sua ajuda. — Enfiou a maquinação no bolso, esquecendo-se de desligá-la. — Não fique ofendida, está bem?

— Está bem. — Ela ofereceu a mão para se despedirem.

No instante em que os seus dedos se tocaram, o sensor dentro do bolso dele disparou e começou a emitir um *bip* ensurdecedor.

— Ena! Espere, espere, segure a minha mão com força!

Ela tentou puxar a mão, livrando-a do cumprimento, mas ele agarrou-a com dedos surpreendentemente poderosos. Com a outra mão tirou o sensor do fundo do bolso.

— Olhe só para isto! — A excitação sobressaía involuntariamente na sua voz, tornando-a mais grave. — Nunca vi uma medição assim tão forte. A agulha está quase a saltar para fora da escala!

Ele começou a murmurar números repetidamente, como se estivesse a tentar memorizá-los, enquanto a rebocava por toda a sala, ainda segurando na sua mão.

— Calminha aí! O que é que pensa que está...

— Preciso de anotar estes números. Quanto tempo já tem? Duzentos e vinte e três pontos em apenas dezasseis segundos! — Fascinado, passava a maquinação sobre as duas mãos ainda unidas. — Meu Deus! Veja só o salto que a agulha deu! Isto não é fantástico?

— Largue a minha mão agora mesmo ou vou ter que o atirar ao chão!

— Hã? — Ele olhou para ela e pestanejou com força uma vez, como que para se orientar. Os olhos que admirara ainda há pouco pareciam agora duros como pedra. — Desculpe!

Soltou a mão dela imediatamente. O *bip* do sensor começou a diminuir o ritmo e a baixar o volume lentamente. — Desculpe! — repetiu. — Fico completamente transtornado, especialmente quando me vejo diante de um fenómeno novo. Por favor, espere apenas um minuto enquanto eu gravo isto para depois conectar o sensor ao computador.

— Olhe, não tenho tempo para perder enquanto você fica aí a divertir-se com os seus brinquedinhos. — Ela lançou um olhar furioso para o sensor.

— Acho que o que você precisa é de fazer uma revisão nessa porcaria.
— Acho que não. — Ele estendeu o braço que usara para a cumprimentar. — Veja só, a minha mão ainda está a vibrar. Como é que está a sua?
— Não sei do que é que está a falar.
— Dez minutos — pediu ele. — Por favor, dê-me apenas dez minutos do seu tempo para eu ligar alguns equipamentos básicos e depois vamos tentar outra vez. Quero testar os seus sinais vitais. A temperatura do seu corpo, a temperatura ambiente...
— Nem pensar! Não deixo estranhos testarem os meus sinais vitais antes de eles pelo menos me pagarem um jantar. — Fez um gesto para o lado com o polegar. — E você está no meu caminho.
— Eu pago-lhe um jantar!
— Não, obrigada. — Ripley seguiu em direcção à porta sem olhar para trás. — Você não é o meu tipo.

Em vez de perder tempo sentindo-se chateado quando ela bateu a porta ao sair, Mac começou a procurar freneticamente o seu gravador e começou a falar em voz alta para relatar a experiência e os dados obtidos.

— O nome dela é Ripley Todd — começou. — Delegada Ripley Todd. Está próxima dos trinta anos, pela aparência. É uma mulher áspera, desconfiada e quase rude, mas de uma forma casual. O incidente aconteceu durante um contacto físico. Um aperto de mão. As minhas reacções físicas foram um formigueiro e uma sensação de calor na pele, a partir do ponto de contacto, subindo pelo braço direito até atingir a região do ombro. Senti também uma aceleração na pulsação e o coração disparou. Tudo isso foi acompanhado por uma sensação temporária de grande euforia. As reacções físicas da Delegada Todd não puderam ser verificadas. A minha impressão, no entanto, é que ela experimentou as mesmas reacções, ou algo similar, o que resultou num acesso de raiva e numa atitude de negação.

Sentando-se no sofá, fez mais algumas considerações mentais, antes de continuar.

— A partir das hipóteses formuladas, que tiveram como base as pesquisas anteriores, a observação deste fenómeno e os dados que foram gravados, tudo me leva a crer que Ripley Todd é uma das descendentes directas das três irmãs originais.

Desligando o gravador e apertando os lábios, Mac completou dizendo para si mesmo:

— Acrescentaria que essa possibilidade a deixa definitivamente furiosa.

Mac levou todo o resto da tarde e depois a noite inteira a conseguir desencai-

xotar todo o equipamento, instalar e ligar todos os aparelhos. No momento em que se colocou de pé novamente e olhou em volta, a sala parecia um laboratório de ciências tecnológicas avançadas. Estava cheia de monitores, teclados, câmaras e sensores espalhados, tudo instalado de forma organizada e precisa, conforme as suas preferências.

Tinha sobrado pouco espaço para locomoção, mas de qualquer modo ele não estava a planear receber visitas.

Arrastou a pouca mobília que restara, colocou-a num canto da sala e começou a testar cada peça do equipamento. Quando finalmente acabou de preparar tudo, o fogo na lareira tinha-se apagado há muito tempo e ele reparou que estava a morrer de fome.

Lembrando-se da *pizzaria*, pegou no casaco e rumou à rua.

Ao abrir a porta, foi recebido por uma escuridão completa e quase assustadora. Havia um fiapo de lua no céu, com o formato de uma unha e cercado por um enxame de estrelas. A cidade, que de acordo com os seus cálculos ficava a mais ou menos um quilómetro dali, na direcção sul, era apenas um conjunto vago de silhuetas ao longe, escurecidas pela penumbra e pontilhadas por lindas fileiras das fracas lâmpadas de iluminação pública.

Espantado, olhou para o relógio de pulso e amaldiçoou-se. Já passava das onze horas da noite, numa cidade espremida na ponta de uma ilha pequena. Parecia que afinal não ia conseguir comer a tal *pizza*.

O seu estômago, completamente desperto agora, protestava terrivelmente. Ele já ficara com fome outras vezes, frequentemente por culpa da própria distração. A sua barriga, porém, não era obrigada a gostar disso.

Sem alimentar muitas esperanças, voltou para dentro da casa e foi procurar, na cozinha, alguns restos que pudessem ter sobrado. Talvez ele tivesse algum saco velho de biscoitos, um pedaço de chocolate ou algum doce dentro da mala. Quando abriu o frigorífico de modo distraído, porém, sentiu-se como se tivesse acabado de ganhar a lotaria. Encontrou uma embalagem que tinha um rótulo onde se liam as palavras “Sopa de Mariscos” e um bilhete: “Com os cumprimentos do *Bufete* das Três Irmãs”. Havia ainda instruções para aquecer o prato.

— Acabo de me apaixonar por Nell Todd. Serei um seu escravo!

— Completamente satisfeito, programou o microondas para o tempo e a temperatura aconselhados na embalagem. Os primeiros indícios de um aroma delicioso começaram a espalhar-se e quase o fizeram chorar.

Comeu todo o conteúdo da embalagem, com voracidade.

Com a fome saciada, refrescado e revigorado, decidiu dar uma volta pela praia para fazer a digestão.

Dois minutos depois já estava de volta, para tentar desencantar uma lanterna de alguma das malas.

Mac sempre gostara muito do barulho do mar, especialmente à noite, quando parecia preencher o mundo. O vento frio parecia abraçá-lo e a escuridão era como um veludo denso e suave.

Enquanto caminhava, começou a fazer anotações mentais sobre todas as tarefas, obrigações e serviços que deveria realizar no dia seguinte. Mesmo sabendo que a maior parte dos seus planos não seria seguida, ou provavelmente nenhum deles, isso não o impedia de fazê-los.

Precisava de fazer algumas compras. Ia ter que realizar uma transferência de dinheiro para o banco local. Ia precisar também de uma linha telefônica. Era necessário ainda alugar uma caixa postal. Queria fazer também um pouco mais de pesquisa sobre os antepassados da família Todd, bem como investigar toda a história pessoal de Ripley.

Ficou a perguntar-se quantas informações poderia tentar arrancar de Mia. Havia, evidentemente, uma tensão bem clara entre ela e a delegada. Ficou muito interessado em descobrir o que havia provocado esse clima entre as duas.

Precisava de gastar um pouco mais de tempo com ambas, embora nenhuma das duas parecesse estar disposta a sofrer pressões.

Um arrepio repentino na nuca fê-lo parar e virar-se para trás, lentamente.

Ela brilhava. Uma suave aura de luz circundava a silhueta do seu corpo, todo o seu rosto e as pontas compridas do seu cabelo encaracolado. Os seus olhos eram tão verdes e brilhantes como os de uma gata, contrastando com a escuridão. E ela estava a olhar para ele, completamente estática, pacientemente.

— Ripley! — Não era de se assustar com facilidade, mas ela conseguira fazê-lo. — Não percebi que havia mais alguém aqui fora.

E começou a caminhar na sua direcção. Uma lufada forte passou por ele, como se estivesse a atravessar o seu corpo. A areia pareceu mover-se sob os seus pés. Notou uma lágrima singela, brilhante como um diamante, que escorria lentamente pela sua face. E em seguida, inesperadamente, desapareceu como se fosse fumo.



Capítulo 3

A Ilha das Três Irmãs estava tão calma, branca e serena, tão perfeita, pensou Ripley, quanto um daqueles lindos globos de vidro que pareciam ter neve dentro, como os da loja “Tesouros da Ilha”. A neve que caíra durante a noite cobrira toda a praia, os relvados, as ruas. Árvores que pareciam vestidas com casacos de arminho permaneciam erectas e altivas como nas pinturas e o ar tinha a quietude do interior de uma igreja.

Ela detestava ver uma paisagem como aquela ser manchada.

Naquele mesmo instante, Zack já estava a telefonar a Dick Stubens para lhe pedir que começasse o trabalho com a máquina de limpar neve. Em pouco tempo, o mundo começaria a movimentar-se de novo. Por ora, no entanto, estava ainda silencioso e calmo, como ela gostava. Era irresistível.

Uma grande quantidade de neve como aquela era uma das únicas coisas que a impediam de dar a sua corrida matinal diária na praia. Atirando o saco de ginástica por cima dos ombros, ela inspirou profundamente uma última vez para sentir o aroma delicioso de algo que a sua cunhada preparava e saiu de casa de mansinho, sem fazer barulho.

Durante toda a caminhada até ao hotel e ao seu bem equipado salão de ginástica, a ilha pertencia-lhe apenas a ela.

Colunas finas de fumo saíam pelas chaminés das casas. Pequenas lâmpadas luziam no interior das janelas das cozinhas. Pastéis de aveia estavam a ser preparados, imaginou, e pedaços de *bacon* estalavam nas frigideiras. E, dentro daquelas casinhas quentes e protegidas, crianças dançavam de alegria. Não haveria aulas por causa do tempo. Aquele dia estava destinado às guerras de neve e à construção de trincheiras e fortes de gelo; aquele dia parecia ter nascido apenas para as crianças deslizarem em trenós e tomarem canecas de chocolate fumegante, sentadas à mesa da cozinha.

A sua vida já tinha sido assim tão maravilhosa e simples, um dia.

Caminhando com dificuldade em direcção ao centro da aldeia, Ripley ia deixando um trilho profunda na neve. O céu exibia um tom suave e pálido,

meio esbranquiçado, como se estivesse à espera, considerando a ideia de deixar cair da sua peneira alguns centímetros mais de neve, só para completar a obra. De qualquer forma, pensou, iria passar uma hora a exercitar-se no ginásio e depois voltaria directamente para casa a fim de ajudar Zack a limpar a saída da garagem com a pá, para deixar a passagem livre para o carro-patrolha e o pequeno automóvel de Nell.

Ao chegar à aldeia, olhou para o chão e franziu as sobrancelhas. Ali a neve não estava imaculada como ela gostaria... Mais alguém já estivera a circular pelo local. O que era pior, deixara um trilho estreito escavada na neve.

Aquilo deixou-a irritada. Era uma tradição, quase um ritual, o facto de ser ela a primeira pessoa a revolver com os seus passos a superfície virgem de neve naquela parte da ilha. Agora, alguém acabara de subverter essa rotina e conseguira estragar a sua alegria.

Chutando a neve com raiva, continuou a caminhar.

O caminho do invasor da sua neve vinha da entrada do velho hotel de pedra em estilo gótico, a Pousada Mágica.

Aquele trilho deveria ter sido feito por algum hóspede madrugador que viera do continente e resolvera deixar o calor do seu quarto de hotel para apreciar uma genuína cidade pequena da Nova Inglaterra submersa pela neve. Ela não podia acusar tal hóspede de ter mau gosto, admitiu, só que ele bem poderia ter esperado mais uma hora antes de sair. Subiu o pequeno lance de escadas com degraus feitos de pedra, batendo os pés com força nos degraus para libertar as botas das camadas de neve que tinham acumulado, e entrou.

Acenou amigavelmente para o empregado do balcão, apertou o saco de ginástica mais contra o corpo e subiu a correr os degraus do salão, até ao segundo andar. Ripley tinha um acordo de longa data com o hotel para usar o clube de ginástica destinado aos hóspedes, sob o esquema de “pague o tempo que usar”. Normalmente preferia fazer os seus exercícios por conta própria, e durante os meses de Verão usava o mar como piscina. Assim, matricular-se como utente do clube não valia a pena.

Virando para o lado esquerdo, seguiu na direcção do vestiário feminino. Pelo que se podia lembrar, apenas um punhado de clientes estava hospedado no hotel naquela semana. Era quase certo que ela ficaria com o ginásio e a piscina exclusivamente para si.

Depois de colocar o casaco, o cachecol e as luvas dentro do armário que o hotel mantinha exclusivamente para o seu uso, Ripley começou a despir-se, até ficar apenas com o corpete de lycra preta, próprio para ginástica, e umas calças do mesmo material. A seguir, enfiou as meias e calçou os ténis macios.

O seu humor melhorou diante da perspectiva de uma boa suadela

com os aparelhos para aumentar a resistência muscular, além dos sempre revigorantes pesos. Uma vez que desprezava os exercícios de corrida na passarela, pretendia guardar a parte aeróbica da sua sessão de ginástica para a piscina.

Circulou à volta do vestiário, em direcção à porta que levava ao ginásio. Ouviu um barulho de metal a bater em metal, antes mesmo de ver alguém. A sua animação esmoreceu ligeiramente. A televisão estava ligada, sintonizada num daqueles programas matinais de informação, cheios de conversa da treta e muitos sorrisos.

Normalmente ela preferia ouvir música em volume bem alto, enquanto se exercitava.

No entanto, a olhadela rápida que deu na direcção do banco onde ficavam os pesos transformou o seu ligeiro aborrecimento em curiosidade.

Não dava para ver muito do indivíduo que estava a fazer exercício, mas o que conseguia ver era da melhor qualidade.

Pernas compridas, bem tonificadas pelo exercício constante, músculos bem definidos e uma pele que já começava a brilhar por causa do suor. Os braços eram compridos, com bíceps cultivados que ondulavam com o movimento de levantar e baixar os pesos. Ela também aprovou os ténis, de marca mas num estilo básico e longe de serem novos.

O hóspede estava a levantar mais de sessenta quilos, em séries compassadas e firmes. A manhã parecia ficar cada vez melhor.

Definitivamente, não era um daqueles homens que se exercitava apenas ocasionalmente e, se o resto dele fizesse jus aos braços e às pernas, seria um *borracho*.

Bem, pensou, já que ia ser obrigada a dividir o equipamento com um estranho, era bom que pelo menos ele fosse um atleta com o corpo delicioso, quente, *sexy* e suado.

É assim mesmo que eu gosto dos homens, pensou com certo deleite. Ripley andava a sentir a falta de homens, ou pelo menos a falta de sexo. Resolveu dar uma olhadela cuidadosa naquele Mr. Universo para ver se o produto era tão bom quanto parecia.

Agarrou numa toalha, prendeu-a em volta do pescoço e seguiu para a porta.

— Está a precisar de companhia? — começou ela, toda sorridente. E quase se engasgou ao dar de caras com Mac.

Ele deu um gemido forte e baixou a barra com os pesos, colocando-a no suporte.

— Olá, tudo bem consigo? Nevou um bocado esta noite, não?

— Sim, nevou um bocado. — Desgostosa, virou-se para o outro lado e começou a fazer uns alongamentos, à laia de aquecimento. Dava para acre-

ditar? Justamente quando ela começava a empolgar-se, o Mr. Universo não era outro senão o Doutor Esquisito.

— Muito porreiro, este clube — comentou ele, rosnando um pouco com a força que fazia enquanto recomeçava a levantar a barra com os pesos. — Foi uma surpresa que estivesse tão vazio.

— O hotel não tem muito movimento nesta época do ano. — Dignou-se então a olhar para ele. Mac não tinha feito a barba e aquela sombra de pêlos transformava o seu rosto atraente em algo mais provocante. Mais *sexy*.

Droga, ele *era* um borracho.

— Conseguiu matricular-se no clube, mesmo sem ser hóspede? — perguntou ela.

— Consegui. Raios... perdi a contagem. Tudo bem. — Recolocando a barra no suporte, levantou-se com um movimento rápido. — Costuma vir sempre aqui?

— Não. Tenho aparelhos de ginástica em casa. Só que, quando não consigo dar a minha corrida matinal ao ar livre, gosto de vir até aqui para usar o equipamento do hotel e a piscina. Está a assistir a esta porcaria?

Ele ajustou o peso e a pressão de outro aparelho, lançando um rápido olhar para o aparelho de televisão. — Não particularmente.

Considerando essa resposta como um “não”, ela foi até à televisão e desligou-a, enquanto ele se dedicava a exercitar as pernas. A seguir, ligou a aparelhagem e colocou uma música a tocar bem alto, a fim de desencorajar qualquer possibilidade de conversa.

Sem se importar, Mac continuou com a sua rotina enquanto Ripley continuava com a dela. Ele observava-a atentamente, a maior parte do tempo pelo canto do olho. Nunca lançava olhares insinuantes a mulheres em ginásios. Não considerava isso uma atitude bem-educada. Mas ele era humano, afinal. Ali estavam apenas os dois e ela possuía um corpo belíssimo e firme. Ficar com vergonha não era a melhor atitude no momento.

Lembrou-se da visão que tivera na praia, duas noites atrás, e daquele instante fugaz em que pensou que fosse realmente Ripley que estivesse parada ali. Evidentemente que não era. Conseguira compreender isso quase de imediato. Os olhos eram *quase os* mesmos. A cor era igual, com aquele mesmo tom de verde intenso e puro. Mas a mulher, ou a visão, ou o que quer que tivesse estado na praia naquele momento, não possuía aquele corpo bem-definido, disciplinado. E os cabelos da mulher da praia, ainda que escuros e compridos, eram totalmente encaracolados, enquanto os cabelos de Ripley eram lisos e escorridos.

O rosto, embora tivesse grandes semelhanças com o da mulher que estava a seu lado, era um pouco mais suave, mais triste e com um formato mais arredondado.

Além do mais, não achava que Ripley Todd ficasse sozinha numa praia deserta e escura a desfazer-se em lágrimas, para de repente desaparecer no ar.

O que ele viu foi a imagem de uma das irmãs, tinha a certeza absoluta agora. E, pelas pesquisas que andara a realizar, apostava que era aquela que se chamava Terra.

Mesmo assim, a Delegada Todd era parte importante de tudo aquilo. Também tinha certeza absoluta disso.

O problema é que não estava bem certo de como conseguiria superar aquela atitude empedernida e trabalhar *sobre* ela ou, melhor dizendo, trabalhar *com* ela. E já que era exactamente isso que planeava fazer, não podia ser coincidência eles terem-se encontrado ali e estarem a levantar pesos ao mesmo tempo e no mesmo local.

Ripley passou para os aparelhos dos braços e ele acompanhou-a.

Apesar da música alta, estavam bastante próximos um do outro para que ele conseguisse falar sem precisar de gritar e sem se sentir um idiota.

— Que tal é a comida do restaurante aqui do hotel?

— Na verdade aqui há dois restaurantes. A comida é boa. O mais sofisticado também é, claro, o mais caro.

— Quer tomar o pequeno-almoço depois de sairmos daqui? Eu pago.

— Não, obrigada, preciso de voltar para casa — respondeu ela, olhando para ele de lado.

Mac notou que ela olhava para os seus pesos. Ele estava a puxar blocos de dez quilos, com os braços. Ela estava a usar os de cinco. Mas, entre o ritmo da música e os movimentos com a imagem multiplicada pelos espelhos, os dois estavam a trabalhar em completa coordenação.

— Acabei de instalar todo o meu equipamento — comentou Mac, num tom casual, enquanto os dois trocavam de posição ao mesmo tempo. — Você precisa de aparecer por lá para dar uma olhadela.

— E por que motivo é que eu faria isso?

— Por curiosidade, pelo menos. Se, por acaso, se está a sentir desconfortável por causa do que aconteceu da última vez, prometo que nem vou tocar em si.

— Não fiquei desconfortável com coisa nenhuma.

Havia um tom áspero na sua voz que era o suficiente para lhe mostrar quando era chegado o momento de recuar. Algumas mulheres tinham orgulho da sua aparência; outras, da sua inteligência. Ripley, aparentemente, tinha orgulho dos seus princípios.

— Não a culpo por se sentir relutante em voltar lá ou até mesmo em conversar comigo depois do que aconteceu. — O seu sorriso estava de volta,

relaxado e sereno, quase chegando aos limites do envergonhado. — Tenho uma tendência terrível para esquecer que as pessoas leigas não estão acostumadas a fenómenos paranormais. Podem ser realmente assustadores.

— Você acha que eu estou com *medo*? — perguntou ela, rangendo os dentes mas continuando com a sua série de exercícios. — Você não me assusta, Booke, muito menos os seus brinquedos idiotas.

— Fico feliz em ouvir isso! — Com a voz animada e jovial, o rosto descontraído e sorridente, terminou a sua série e seguiu para o aparelho que trabalhava os bíceps. — Fiquei um pouco preocupado naquele dia, pela maneira como fugiu a correr.

— Eu não fugi a correr! — disparou ela, começando a trabalhar os tríceps. — Simplesmente fui-me embora.

— Está bem.

— Tinha muito trabalho a fazer.

— Certo.

Ripley sugou o ar, respirando com raiva, e imaginou o que aconteceria com aquele sorrisinho idiota se lhe rebentasse a cara com um daqueles halteres.

— Você pode ser um milionário desocupado, mas eu tenho de trabalhar para ganhar a vida.

— Sem dúvida. E já que não está preocupada com a descarga de energia que aconteceu, gostaria muito que voltasse a minha casa. Agora que eu já estou com tudo pronto e preparado, isso poderia ajudar a recriar o evento, ou pelo menos ver se o fenómeno pode ser repetido.

— Não estou interessada.

— Posso pagar-lhe pelo tempo que gastar comigo.

— Não preciso do seu dinheiro.

— O facto de ser meu não o torna menos útil. Pense nisso. — Resolveu encurtar a sua série, para lhe dar a ela oportunidade para fazer o mesmo. — A propósito... — acrescentou, enquanto recolocava os pesos no lugar. — Tem uns abdominais perfeitos!

Ela puxou os lábios para trás, o suficiente para mostrar os dentes, enquanto ele se retirava.

Vejam só, pensou enquanto acabava os exercícios, um idiota como aquele acusando-a de ser medrosa. Se não fosse tão ridículo, seria insultante. E, ainda por cima, achar que poderia depois comprar o tempo dela para fazer as suas experiências ridículas, ou estudar aquelas coisas esquisitas, não importa o nome que desse ao seu trabalho.

Era uma pena, um desperdício total que ele fosse o mais bonito e certamente também o homem com o corpo mais bem-definido que ela tinha visto em muitos meses. Se não fosse um atrasado tão irritante, eles até po-

deriam aproveitar para fazer outros exercícios juntos, ainda que de natureza completamente diferente.

Em vez disso, ela ia ter que fazer todos os esforços para o evitar, sempre que possível. Não ia ser fácil, mas transformaria isso no seu projecto de Inverno.

Com a musculatura confortavelmente fatigada, voltou ao balneário, tomou um duche, vestiu o fato-de-banho e foi para a piscina.

Compreendeu, de imediato, o que já deveria ter imaginado. Ele já estava na piscina, atravessando-a de um lado ao outro com braçadas lentas, quase displicentes. Ficou surpreendida ao ver que o seu bronzeado era uniforme e cobria cada centímetro do corpo, ou pelo menos a parte que ela podia ver. O fato de banho que usava não escondia muita coisa.

Ripley não estava disposta a desistir da sua rotina de natação, mesmo que o preço disso fosse o de dividir a piscina com ele. Atirando a sua toalha limpa para o lado, mergulhou.

Ao voltar à superfície, ele estava a um braço dela, boiando descontraidamente.

— Tive uma ideia, Delegada.

— Aposto que você tem sempre um monte de ideias. — Mergulhou a parte de trás da cabeça para afastar os cabelos do rosto. — Olhe, doutor, estou aqui apenas para dar umas braçadas e depois ir embora. A piscina é muito grande. Você pode ficar do lado de lá e eu fico do lado de cá.

— Então, em vez de a chamar ideia, podíamos dizer que é uma proposta.

— Booke, você começa realmente a encher-me a paciência.

— Mas eu não pretendia propor-lhe nada que...

Desta vez ele ficou realmente ruborizado, uma combinação perfeita com a barba viril ainda por fazer. A pequena pontada de luxúria que Ripley sentiu no estômago deixou-a desarmada.

— Desculpe, eu não quis insinuar que...

Respirou profundamente duas vezes, para não começar a gaguejar.
— Eu ia apenas propor uma disputa.

Ele sabia que tinha finalmente conseguido fisgar o seu espírito de competição pela maneira como os olhos dela brilharam, pouco antes de se virar dentro de água e começar a nadar para a borda da piscina.

— Não estou interessada.

— Eu dou-lhe um quarto da piscina de vantagem.

— É... sem dúvida você vai conseguir dar cabo da minha paciência.

— Um quarto do comprimento da piscina. Você sai à frente — insistiu ele, com a determinação de um cão que não pretende largar o osso.

— Se você ganhar, prometo não a importunar nunca mais. Se eu ganhar,

terei direito a uma hora do seu tempo. Uma hora apenas, durante os três meses em que vou ficar aqui. São vantagens extremamente favoráveis para o seu lado.

Ela começou a ignorá-lo. Queria livrar-se dele ali, naquela hora. Ele não poderia importuná-la se ela resolvesse não permitir que a importunasse. Havia apenas um pequeno problema. Ela nunca conseguia resistir a um bom desafio.

— Vamos fazer o seguinte — propôs ela. — Quatro vezes o comprimento da piscina, mas saindo juntos, cabeça com cabeça. — Pegou nos óculos de natação, colocou-os por cima da cabeça e ajustou-os sobre os olhos. — Como eu vou ganhar, você vai comprometer-se a manter distância de mim, não vai sequer mencionar os seus projectos... ou sei lá que nome você dá ao seu trabalho e, principalmente, não vai tentar aproximar-se de mim a nenhum nível pessoal.

— Ena, esse final magoou-me, Delegada. Mas eu concordo. E, se conseguir vencê-la, você vem até ao chalé para me ajudar a realizar alguns testes. Uma hora de trabalho, com total cooperação.

— Combinado. — Quando lhe estendeu a mão para selar o acordo, ela olhou para ele e disse calmamente: — Esqueça.

Esperou por ele na borda da piscina e começou a preparar-se com inspirações lentas e profundas.

— Estilo livre? — perguntou.

— Pode ser. À contagem de três?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, fazendo de imediato a contagem: — Um... dois... três!

E saltaram juntos, cortando a água com agilidade. Ela não tinha a menor intenção de perder e nem sequer considerava essa possibilidade. Afinal, nadava praticamente todos os dias da sua vida, desde pequena, e era a melhor da família.

Ripley reparou que ele estava realmente em forma, enquanto seguiam em braçadas compassadas, já quase no fim da primeira travessia. Realmente não estava mal, mas ela estava a ir muito melhor.

Os dois atingiram a borda oposta e deram a volta para iniciar a segunda travessia.

Ela era maravilhosa de observar e ele tinha a esperança de conseguir ver mais do que estava a conseguir dali. De preferência, sob circunstâncias menos intensas. Ela não tinha apenas força, notou. Possuía a fluidez e a graça disciplinada de uma verdadeira atleta.

Ele nunca se iludira quanto às possibilidades de ser classificado como um atleta completo. Mas se havia uma coisa que Mac tinha habilidade para fazer bem, era nadar. Tinha que admitir para si mesmo, porém, que não ima-

ginara que eles iriam estar assim tão próximos um do outro, em velocidade e desempenho. Ele tinha uma braçada mais comprida e era quase vinte centímetros mais alto, mas a mulher ao seu lado tinha uma garra e um impulso poderosíssimos.

Tentou acelerar o ritmo, para testá-la, na terceira travessia. Ela alcançou-o. Ele sentiu-se desafiado, mas também divertido. Ela estava a brincar com ele. Mac aumentou ainda mais a velocidade e começou a admitir que tinha sido muito bom ela ter-lhe atirado à cara a vantagem que ele propusera.

O filho da mãe parecia uma enguia, pensava Ripley por sua vez.

Quando partiram para a travessia final, ainda lado a lado, ela compreendeu que tinha julgado terrivelmente mal as suas capacidades de nadador. Procurando focar-se e recompor-se, lançou-se com força redobrada e ultrapassou-o em quase um quarto de corpo, sentindo a adrenalina ser bombeada no seu sangue para a arrancada final.

Foi, porém, atingida por uma onda de choque, espanto e admiração quando ele de repente passou como um míssil ao seu lado e atingiu a borda da piscina com duas braçadas antes dela.

Com o peito quase a explodir, ela voltou à superfície e puxou os óculos para trás, ainda sem acreditar. Ninguém, nem mesmo Zack, conseguia vencê-la na corrida de quatro travessias. Era desmoralizante.

— Então... — perguntou ele, ofegante, colocando o cabelo para trás. — Qualquer hora hoje é boa para si?

O cretino não tivera sequer a cortesia de diminuir o embaraço dela com um elogio ao seu desempenho, ou algo desse tipo. Isso serviu apenas para tornar a derrota ainda mais amarga. Parecia estar satisfeito e eufórico com tudo aquilo. Ela começou a perguntar-se se ele usaria alguma droga. Com certeza, ninguém conseguiria manter tal descontração sem o auxílio químico de alguma substância suspeita.

No regresso a casa, Ripley compensou parte da sua frustração retirando com todo o vigor a neve da entrada da garagem, usando uma pá, e em seguida massajando o seu ego ferido com alguns dos famosos rolinhos de canela que Nell preparara. Mas a lembrança da disputa perturbou-a durante todo o dia, como se uma unha estivesse espetada numa ferida e a impedisse de cicatrizar.

Houve um grande número de chamadas no trabalho que a mantiveram ocupada. Eram carros que tinham deslizado para fora da estrada, uma janela estilhaçada por uma bola de neve mal atirada e a habitual variedade de travessuras de crianças livres da escola depois de um dia de neve.

Mesmo assim, a lembrança da derrota na piscina perturbava-a e estava a estragar-lhe o dia.

Na esquadra, Zack ouviu todos os seus palavrões sussurrados e observou-a enquanto ela bebia uma chávena de café atrás da outra. Era um homem paciente e conhecia muito bem a própria irmã. Tinha cruzado o caminho dela várias vezes naquele dia, atendendo às chamadas e fazendo as rondas, e reconheceu os sinais inegáveis de que os seus nervos estavam à flor da pele.

No fim da tarde, como o problema não passara, viu que ia ser obrigado a arrancar alguma coisa dela.

Aquele parecia ser um bom momento.

Ele tomava o seu café calmamente, com os pés apoiados na borda da secretária.

— Vais continuar a remoer o que te está a consumir por dentro ou vais entregar os pontos e desabafar comigo?

— Não há nada a consumir-me por dentro — e, ao experimentar o café a ferver, queimou a língua e amaldiçoou-se mais uma vez.

— Estás a soltar fumo desde que voltaste da ginástica hoje de manhã.

— Eu nunca solto fumo. Tu sim, às vezes.

— Não, eu fico amuado... — corrigiu. — Ficar amuado é um processo solitário e pensativo, que envolve a busca de uma solução para um conflito interior. Soltar fumo é manter alguma coisa a ferver por dentro até que o vapor faz saltar a tampa, transbordando tudo em cima de quem está à volta e queimando quem está por perto. No momento, sou o único em perigo de ser queimado, de forma que me vi particularmente investido de um compreensível interesse pelo conteúdo dessa chaleira.

— Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi — grunhiu ela, olhando para ele com um perigoso sorriso sarcástico.

— Vês? — Ele agitou o dedo para ela. — Agora estás a tentar arranjar uma forma de implicares comigo. Vamos lá, conta-me quem te deixou tão enfurecida, e nós vamos lá os dois e damos-lhe uma valente tarefa.

Zack tinha um jeito muito especial — Ripley tinha que admitir — para conseguir fazê-la rir até mesmo no pior dos momentos. Indo até à secretária dele, sentou-se na berma e perguntou:

— Por acaso já te encontraste com um tipo que chegou à ilha, um tal de Booke?

— O grande investigador que veio de Nova Iorque? Sim, encontrei-o ontem quando ele estava a dar um passeio pela nossa pequena cidade, ainda meio perdido. Pareceu-me um tipo porreiro.

— Porreiro — resmungou ela indignada. — Sabes o que é que ele veio fazer aqui?

Zack grunhiu algo incompreensível que pareceu ser uma resposta

afirmativa. Bastara a irmã mencionar MacAllister Booke para ele ter uma pista da origem de toda a sua irritação.

— Olha, Rip, — retorquiu ele — nós lidamos com esse tema, periódica e repetidamente o tempo inteiro. É impossível viver na Ilha das Três Irmãs e conseguir evitá-lo.

— Só que desta vez é diferente.

— Talvez seja... — Franziu a testa, pensativo, quando se levantou para se reabastecer de café. — O que aconteceu com Nell no Outono passado gerou uma onda especial de interesse. E não foi simplesmente porque ela voltou, figurativamente, do mundo dos mortos, ou porque aquele filho da mãe do Remington acabou por ser exposto perante todo o país como alguém que se excitava a dar-lhe porrada quando eram casados. Nem mesmo porque tentou matá-la quando descobriu que ela ainda estava viva e escondida aqui na ilha.

— Sem contar que acabou por te esfaquear... — completou ela, falando baixinho, porque ainda podia ver o sangue na camisa do irmão, a forma como tinha brilhado na penumbra da floresta.

— Tudo isso foi um prato cheio para a imprensa — continuou Zack. — Um escândalo daqueles bem grandes e suculentos. Mas deves lembrar-te também de como conseguimos, aos poucos, fazer com que o interesse diminuísse.

— Colocámos uma pedra em cima do resto da história.

— Da melhor maneira que conseguimos.

Zack parou ao lado dela e tocou-lhe no rosto. Sabia que naquela noite a irmã quebrara uma promessa que tinha feito a si mesma. Unindo as mãos com Mia e usando o poder que tinha dentro dela para salvar Nell, ela salvava-o também.

E continuou a falar calmamente. — Sabes, Rip, que apesar dos nossos cuidados, muita coisa vazou. Rumores, especulações e os murmúrios de um homem louco. Rumores suficientes para a construção de mil conjecturas, e também para criar mais interesse. Era de esperar algo desse tipo.

— Eu esperava gente esquisita, sem dúvida — admitiu Ripley. — Talvez um aumento no número de turistas tolos e abelhudos, esse tipo de coisas. Só que esse tal Booke é diferente. Parece que é um investigador sério. É como se, não sei, estivesse empreendendo alguma cruzada. E é muito credenciado também, cheio de títulos. Algumas pessoas vão achar que ele é só mais um maluco; mas muitas outras, não. Além de tudo, a Mia pode conversar com ele e falar sobre certas coisas ou até mesmo vir a cooperar com ele.

— Sim, isso é possível. — Mas não quis acrescentar que estava quase certo de que Nell também poderia colaborar com ele. E já tinham até conversado sobre isso. — Essa é uma escolha de Mia, Ripley. Esse assunto não tem

que pesar sobre os teus ombros.

— Ele conseguiu uma hora inteira de cooperação minha — replicou ela, olhando com cara de nojo para o café.

— Como?

— Aquele filho da mãe dissimulado conseguiu convencer-me a fazer uma aposta com ele, hoje de manhã. Eu perdi, e agora vou ser obrigada a passar uma hora com ele e com a sua parafernália de aparelhos detectores de magia.

— Ai! Deve ter sido doloroso. E como foi que perdeste essa aposta?

— Não quero falar a respeito disso — resmungou ela.

— Bem... Não foste a nenhum outro lugar hoje de manhã a não ser ao ginásio do hotel, certo? — Zack começou a deduzir. — Eu soube que ele se inscreveu como sócio do clube de ginástica. Provavelmente foi lá que te encontraste com ele, não foi?

— Foi, foi, foi! — Ripley deu um empurrão na secretária e começou a andar de um lado para o outro. — Quem é que podia imaginar que ele era capaz de se *movimentar* dentro de água com aquela velocidade? Se fosse uma corrida de distância, tudo bem, eu poderia ter desconfiado que ele se sairia bem, por ser mais alto do que eu. Mas nunca numa competição de trezentos metros na piscina, em estilo livre.

— Foi uma disputa de natação? — Zack não conseguia esconder a surpresa. — Ele ganhou-te numa competição de natação?

— Já disse que não quero conversar a esse respeito. Eu estava fora do meu ritmo, foi só isso. — Virou a cabeça, olhando para Zack com os olhos semicerrados. — Esse som que acabei de ouvir foi um risinho?

— Podes crer que sim. Não é à toa que estás a bufar como uma chaleira.

— Ora, cala a boca tu também! Não sei o que é que ele pensa que vai conseguir provar numa hora, de qualquer forma. Usando todos aqueles “detectores de energia” e “sensores de espíritos”. Vai ser um desperdício total de tempo.

— Então, não tens com que te preocupar. Quantos metros conseguiu ele chegar à tua frente?

— Cala-te, Zack!

Decidiu despachar logo o assunto, como se este fosse uma dor de dentes. E resolveu ir a pé, deixando Zack ficar com o carro-patrolha, porque isso iria adiar um pouco mais o momento do encontro.

Já era noite cerrada quando ela entrou na rua onde ficava o chalé amarelo. Era Lua Nova e o céu estava escuro. Mais seis ou sete centímetros de

neve tinham caído desde aquela manhã, mas as nuvens tinham desaparecido ao anoitecer. O céu limpo e cheio de estrelas varria toda a esperança de que o ar pudesse ficar mais quente. O frio era penetrante e cortante como uma navalha e vergastava de forma inclemente qualquer porção de pele que estivesse exposta.

Ela caminhava depressa, com passos largos, usando a lanterna para a ajudar a iluminar o caminho.

Abanou a cabeça ao atingir, com o foco da lanterna, o Land-Rover de Mac. Ele nem se tinha sequer dado ao trabalho de desenterrar o carro, que continuava coberto de neve. Comportamento típico de um professor aluado, avaliou, aquele de ignorar completamente o lado prático das coisas.

Depois de bater os pés no chão com força para sacudir a neve, bateu à porta com o punho enluvado.

Ele atendeu, vestido com uma camisola cinza que parecia já ter conhecido melhores dias, e umas calças de ganga igualmente gastas. Assim que a porta se abriu, Ripley sentiu o aroma inconfundível da sopa de carne com legumes e cereais que Nell preparara e só aquele cheirinho delicioso já serviu para a deixar com água na boca.

— Olá. Caramba, o mundo está a congelar aí fora. A temperatura deve estar quase abaixo de zero. — No momento em que ele se afastava para o lado para a deixar entrar, olhou para o lado de fora da porta. — Não veio de carro? Veio a pé até aqui com este frio? É doida?

Ela entrou, observou os equipamentos completamente amontoados e apertados na minúscula sala de estar e só depois respondeu:

— Você vive assim, todo entulhado no meio de máquinas, e ainda me pergunta se sou maluca?

— Está frio demais lá fora para uma caminhada nocturna. — Instintivamente, pegou nas mãos enluvasadas de Ripley e esfregou-as entre as suas, para as aquecer.

— Não fique muito preocupado com as minhas mãos, porque vai perder minutos preciosos. O relógio já está a contar.

— Cuidado com essa despreocupação. — A sua voz já não era suave e descontraída agora, mas quente, firme e directa como uma bala. Isso fê-la olhar para ele com interesse. — Será que você nunca viu lesões provocadas pela exposição ao frio?

— Bem, na verdade eu... ei! — Ela puxou as mãos para trás quando ele lhe retirou as luvas para examinar os dedos.

— Há alguns anos, estava eu com um grupo de estudantes nas montanhas do Nepal. Um deles foi descuidado. — Ignorando a resistência dela, continuou a esfregar-lhe as mãos entre os dedos, para os aquecer. — Com o frio, ele acabou por perder dois dedinhos como esses.

— Eu não sou descuidada.

— Tudo bem. Deixe-me tirar-lhe o casaco, então.

Ela desenvencilhou-se do casaco, do cachecol, do gorro de lã, da blusa com isolante térmico e foi empilhando tudo em camadas, por cima dos braços estendidos de Mac.

— Realmente... — reconheceu ele. — Acho que você não deve ser descuidada. — A seguir começou a olhar em volta, meio perdido, tentando arranjar um lugar onde pudesse largar tudo.

— Pode pôr no chão — disse ela, sem conseguir evitar o riso.

— Não, nós podemos... Já sei! Vou colocar em cima da cama — lembrou-se, e carregou a pilha de roupa através da passagem estreita entre os aparelhos até ao quarto.

— Tem medo do escuro? — perguntou ela.

— O quê?

— Está com todas as luzes da casa acesas.

Ele voltou do quarto. — Esqueço-me sempre de as apagar quando saio dos sítios. Hoje comprei uma daquelas sopas maravilhosas da Nell e acabei agora de a aquecer. Quer um bocado? — Parou por um segundo, analisando a cara dela com cuidado. — Só que não vale contar o jantar como parte do tempo no seu relógio.

— Não, obrigada. Não estou com fome — respondeu, sentindo a chegada de um súbito ataque de mau humor.

— Tudo bem, então eu posso comer a sopa mais tarde. Onde foi que coloquei...? — Apalpou os bolsos, andando em círculos. — Ah, já sei! — E encontrou um mini-gravador atrás de um dos monitores. — Primeiro preciso de anotar alguns dados básicos e então nós podemos...

Estacou de novo, pensativo, com as sobancelhas apertadas. Empilhara velhas pastas, livros de pesquisa, fotografias e mais um monte de ferramentas em cima do sofá. Nem mesmo o chão oferecia espaço suficiente para duas pessoas se sentarem.

— Olhe... É melhor fazermos esta parte na cozinha.

Ela encolheu os ombros, enfiou as mãos nos bolsos e seguiu atrás dele.

— Já que estamos aqui, vou aproveitar para comer. — Ao dizer isso, pegou numa tigela e resolveu mostrar que se preocupava com ela. — Por que é que não muda de ideias e come um pouco também, para que eu não seja indelicado, comendo sozinho à sua frente?

— Ok. Tem uma cerveja?

— Não, desculpe. No entanto, tenho um Merlot muito bom.

— Serve. — Ficou de pé a observar enquanto ele colocava a sopa nas tigelas e servia o vinho.

— Sente-se.

Ele sentou-se também, de frente para ela, mas levantou-se logo em seguida, de um salto.

— Raios! Só mais um minuto. Pode começar a comer.

Ripley pegou na colher enquanto ele corria de volta para a sala. Ouviu murmúrios, ruído de papéis a serem espalhados e o barulho de algo que caía no chão.

De repente, ele reapareceu com um caderno em espiral, dois lápis e um par de óculos com armação de metal. Quando os colocou no rosto, o estômago dela contorceu-se.

Ena..., pensou, ele é totalmente viciado no que faz, mas é incrivelmente sexy.

— Vou tomar algumas notas enquanto comemos — explicou ele . — E depois gravo as anotações. Como está a sopa?

— É da Nell — respondeu ela, calmamente.

— Sim. — E começou a comer. — Ela salvou a minha vida na outra noite, logo no primeiro dia em que cheguei e perdi a noção do tempo. Achei uma embalagem com sopa de mariscos no frigorífico e por pouco que não desatei a chorar de agradecimento, como uma criança. O seu irmão é um homem de sorte. Estive com ele, ontem.

— Ele disse-me. — Ripley começou a sentir-se mais relaxada, pensando que, enquanto estavam ali a desperdiçar conversa, o relógio estava a correr. — Eles formam um grande casal.

— Eu também tive essa impressão. Quantos anos é que você tem?

— O quê?

— A sua idade... para os meus dados.

— Não sei o que é que a minha idade tem a ver com qualquer coisa, mas enfim... Fiz trinta no mês passado.

— Em que dia?

— Catorze.

— Sagitário. Sabe a hora em que nasceu?

— Bem, eu não estava a prestar muita atenção ao relógio nesse momento. — Pegou no cálice de vinho. — Acho que a minha mãe comentou uma vez que eram mais ou menos oito horas da noite, depois de ter passado mais de dezasseis horas com suores e dores de parto no Vale das Sombras e assim por diante. Por que é que você precisa de saber isso?

— É que vou colocar os dados no computador e fazer os cálculos para um mapa astrológico. Depois dou-lhe uma cópia, se quiser.

— Essa história é a maior tretagem do mundo.

— Ficaria surpreendida com os resultados. E então, nasceu mesmo aqui na ilha?

— Sim, nasci em casa... apenas com um médico e uma parteira para atender a minha mãe.

— Já teve experiências com algum tipo de actividade paranormal?

Ela não se importava de mentir, mas detestava o facto de que sempre que mentia sentir um aperto na garganta.

— Por que razão teria eu esse tipo de experiência? — desconversou.

— Você consegue lembrar-se dos seus sonhos?

— Claro. No outro dia tive um muito especial, onde apareciam o Harrison Ford, uma pena de pavão e uma garrafa de óleo de amêndoa. O que é que acha que isso pode significar?

— Bem, já que um charuto às vezes é apenas um charuto, acho que fantasias sexuais às vezes significam simplesmente algo ligado a sexo. Sonha a cores?

— Sim, claro.

— Sempre?

Ela mexeu os ombros. — O preto e branco é para os filmes do Humphrey Bogart ou para fotografia artística.

— E já aconteceu os seus sonhos serem proféticos?

Ela quase respondeu afirmativamente, por instinto, mas conseguiu segurar-se a tempo. Em vez disso, disse:

— Bem, até agora o bonitão do Harrison Ford e eu ainda não nos encontrámos, mas eu continuo com esperanças.

— Tem algum *hobby*? — quis saber ele, mudando de tática.

— *Hobby*? Assim como... fazer bordados ou observar pássaros? Não.

— O que é que faz nos seus tempos livres?

— Não sei. — Ela quase que se contorceu, incomodada com tudo aquilo, mas conseguiu segurar-se mais uma vez. — Sei lá! Faço coisas. Vejo televisão, vou ao cinema. Ah... gosto de velejar.

— Voltando aos filmes de Bogart... Qual é o seu favorito?

— *O Falcão de Malta*.

— Como é que veleja?

— Uso o pequeno barco do Zack para passeios curtos. — Começou a tamborilar com os dedos na ponta da mesa, deixando a mente vaguear. — Estou a pensar em comprar o meu próprio barco, daqui a algum tempo.

— É mesmo... Não há nada como um dia no mar. Quando foi que descobriu que tinha poderes?

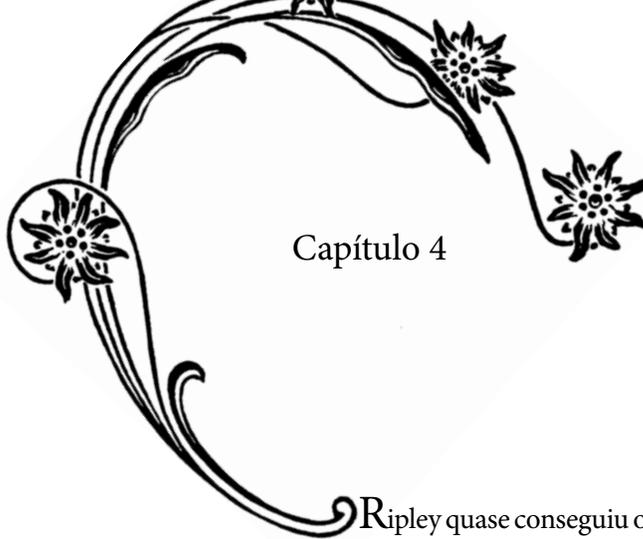
— Bem, isso nunca foi uma... — Ela esticou as costas, cuidadosamente retirando qualquer emoção do rosto. — Não sei sobre o que é que está a falar.

— Sabe sim, mas podemos deixar o assunto de lado, se isso a faz sentir-se desconfortável.

— Eu não estou a sentir-me desconfortável. Simplesmente não entendi a pergunta.

Mac colocou o lápis cuidadosamente sobre a mesa, empurrou a tigela de sopa para o lado e olhou directamente para ela, dizendo:

— Vamos colocar a pergunta de outra forma, então. Quando é que descobriu que era uma bruxa?



Capítulo 4

Ripley quase conseguiu ouvir o barulho do sangue a correr e a rugir dentro da cabeça, bombeado no mesmo ritmo do coração galopante. Mac continuou sentado calmamente, observando-a com cuidado, como se ela fosse alguma experiência de laboratório medianamente interessante.

O génio irritável de Ripley começou a tiquetaquear como uma bomba relógio.

— Que pergunta idiota é essa?

— Para alguns, é como se fosse um instinto... Um conhecimento hereditário. Outros precisam de aprender, como uma criança que aprende a andar e a falar. Outros ainda só chegam a ter contacto com isso no princípio da adolescência. Muitos outros, imagino, passam pela vida sem jamais compreenderem, identificarem ou mesmo imaginarem o seu potencial.

Agora ele estava a fazer com que ela se sentisse como uma aluna ligeiramente lerda para aprender.

— Não tenho a menor ideia de onde você tira essas teorias ou de onde surgiu essa sua ideia preconcebida de que eu seja uma... — Ela não ia pronunciar a palavra, não poderia dar-lhe a satisfação de ver essa palavra sair da sua boca. — Essa área de “abracadabra” é assunto seu e não meu, Doutor Esquisito.

— Por que motivo é que você está zangada? — Inclinou a cabeça para o lado, intrigado.

— Eu... não... estou... zangada! — Atirou o corpo ligeiramente para frente. — Você quer ver-me mesmo zangada?

— Não... Não particularmente. Mas aposto que, se eu lhe colocasse um sensor neste instante, conseguiria obter leituras muito interessantes.

— Estou farta de apostar consigo. Para falar a verdade, o seu tempo já acabou.

Ele deixou que ela se levantasse e continuou a tomar notas.

— Ainda me deve quarenta e cinco minutos do seu tempo, Delegada. Se vai fugir do pagamento da aposta... — Levantou os olhos com toda a cal-

ma, encarando o olhar furioso dela. — Eu apenas posso supor que você está com medo. Não era minha intenção assustá-la ou aborrecê-la. Peço sinceras desculpas por isso.

— Enfie as suas desculpas... — Ela travava uma batalha contra o próprio orgulho e essa era sempre a guerra que mais a incomodava. Afinal, fizera a porcaria da aposta, aceitara os termos. Com um gesto de raiva, arrastou a cadeira para trás e sentou-se novamente.

Ele continuou impassível, sem incentivá-la e sem demonstrar emoção, como se soubesse o tempo todo que iria ganhar. Esse pensamento fez Ripley ranger os dentes.

— Vou fazer uma suposição aleatória — disse ele. — Você não costuma exercer.

— Não tenho nada para exercer.

— Você não é uma mulher burra. A minha impressão, inclusive, é a de que é uma pessoa muito atenta, muito esperta. — Observou o rosto dela. Ripley tentava manter-se impassível. Mas havia algo por baixo daquele verniz de calma aparente. Havia alguma emoção forte, apaixonadamente forte.

Ele queria com todas as forças cavar para descobrir essa emoção. Descobrir esse sentimento. Descobri-la. Mas jamais teria essa oportunidade, compreendeu então, se continuasse a afastá-la assim, tão depressa.

— Estou a chegar à conclusão de que este é um assunto muito sensível para si. Desculpe.

— Já lhe disse o que é que você pode fazer com suas desculpas. Pode fazer o mesmo, agora, com as suas conclusões.

— Ripley... — Mac levantou a mão e afastou os dedos num gesto de paz. — Eu não sou um repórter bisbilhoteiro em busca de uma história sensacionalista. Também não sou um fã a perseguir o seu astro predilecto, nem um caloiro a fazer uma pesquisa e a precisar de um mentor. Isto aqui é o meu trabalho. Asseguro-lhe que vou respeitar a sua privacidade, manter o seu nome fora dos meus documentos e que jamais farei algo que possa magoá-la.

— Você não me assusta, Booke. Mas vai ter que procurar a sua cobaia em algum outro lugar. Não estou interessada no seu... trabalho.

— Nell é a terceira?

— Deixe a Nell fora disto. — Antes que conseguisse pensar, esticou o braço e agarrou no pulso dele. — Se se meter com ela, vai ter que se ver comigo.

Ele não se moveu. Nem mesmo respirou. As pupilas dela ficaram, de repente, tão escuras que pareciam quase pretas. No sítio onde os seus dedos tocaram a pele de Mac havia um calor tão intenso que ele não se surpreenderia se a sua pele começasse a soltar fumo.

— *Não traga o Mal a ninguém* — conseguiu articular, com uma voz

que, de alguma forma, se mantinha segura. — Isto não é apenas uma filosofia da Arte da Magia. Eu acredito nisto. E jamais faria algo para magoar a sua cunhada. Ou a si, Ripley.

Com toda a calma, observando-a com cuidado como se ela fosse um cão de guarda que conseguira soltar-se da corrente, levantou a mão e cobriu a dela, que continuava a segurá-lo. — Você não consegue controlar o seu Poder, não é isso? — A voz dele era suave. — Não completamente. — Apertou ligeiramente a mão dela, quase como um gesto de amizade. — Está a queimar o meu pulso...

Ao ouvi-lo dizer isso, ela levantou os dedos e afastou-os. Mas a sua mão não estava firme quando olhou para baixo e viu as fortes marcas vermelhas nos pontos onde os seus dedos tinham tocado.

— Eu não vou fazer isto! — Ela lutava para tentar trazer a respiração de volta à normalidade, para bloquear aquele violento pico de energia. Para ser ela própria novamente.

Ripley não o ouviu levantar-se para ir até ao lava-loiças. No instante seguinte, Mac já estava ao lado dela, oferecendo-lhe um copo com água. — Tome, beba.

Depois de ter bebido o líquido vagarosamente, Ripley já não tinha a certeza se estava a sentir-se zangada ou embaraçada. Estava certa, porém, de que a culpa tinha sido dele.

— Você não tem o direito de vir até à nossa ilha para se intrometer na vida dos outros.

— O conhecimento e a verdade podem salvar-nos do caos. — O tom da sua voz era calmo, sensato. E ela tinha vontade de cravar os dentes nele. — Misturar moderadamente esses elementos com tolerância e compaixão torna-nos mais humanos. Sem essas coisas, os fanáticos alimentam-se de medo e ignorância. Como aconteceu em Salém, há mais de trezentos anos.

— Deixar de enforcar bruxas não tornou o mundo mais tolerante. Não quero tomar parte nos seus estudos. Esse é o ponto principal.

— Tudo bem. — Ripley parecia de repente muito cansada, notou. Extremamente cansada. Isso mexeu com ele, provocando uma mistura de culpa e compaixão. — Está certo. Só que aconteceu uma coisa naquela noite em que você esteve aqui, que pode tornar as coisas mais difíceis para nós dois.

Esperou um momento, enquanto ela se remexia na cadeira e lhe dava, relutantemente, a sua atenção. — Eu vi uma mulher na praia. A princípio, achei que era você. Tinha os mesmos olhos, a mesma cor de pele e cabelo. Pareceu-me muito sozinha e brutalmente triste. Olhou para mim por um longo instante. A seguir, desapareceu no ar.

Ripley apertou os lábios com força, depois pegou no vinho, bebendo um pequeno gole.

— Talvez você ande a beber muito Merlot.

— Ela quer redenção. Quero ajudá-la a conseguir isso.

— O que você quer são dados — atirou ela, de volta. — O que você quer é tornar legítima a sua cruzada e talvez conseguir um contrato para a publicação de um livro.

— O que eu quero na verdade é compreender! — Não, admitiu para si mesmo, não era apenas isso. Esse não era o ponto principal. — Eu quero mesmo é *saber*, Ripley.

— Então vá conversar com a Mia. Ela adora atenção.

— Vocês cresceram juntas?

— Sim, e daí?

Era mais fácil, e ainda mais agradável, lidar com ela quando a sua atitude de confronto estava de volta.

— É que eu notei um pouco de... tensão entre vocês as duas.

— Vou ter que me repetir. E daí?

— A curiosidade é a primeira ferramenta do cientista.

— A curiosidade também matou o gato — replicou ela, com um brilho que iluminou o olhar de desdém. — Além disso, eu não chamo a essa história de ficar a saltitar de um lado para o outro do mundo, armado em caçador de bruxas, *ciência*.

— Engraçado, é exactamente isso que o meu pai costuma dizer. — Comentou com descontração, enquanto se levantava e levava as tigelas de sopa para dentro do lava-loiças.

— O seu pai parece-me uma pessoa muito sensata.

— Ah, sensato ele é, sem dúvida! Eu sou um constante desapontamento para ele. Não, é injusto falar isso a respeito do meu pai — decidiu, enquanto voltava para a mesa e abria o vinho. — Eu sou mais como um enigma para ele, um quebra-cabeças, e ele parece ter a certeza de que ainda faltam algumas peças. E então?... Conte-me alguma coisa sobre os seus pais.

— Estão aposentados. O meu pai era o xerife da ilha, antes do Zack, e a minha mãe era técnica oficial de contas. Eles fizeram-se à estrada, há algum tempo, e estão a correr o país inteiro numa caravana enorme, daquelas com sala, cozinha e casa-de-banho.

— Estão a visitar todos os parques nacionais dos Estados Unidos?

— Isso tudo e outros lugares também, o que aparecer. Estão a divertir-se como ninguém. Parecem duas crianças a gozar férias que não acabam nunca.

Não foi o que ela disse sobre os pais, mas sim *a maneira* como falou sobre eles que mostrou a Mac que a família Todd era unida e feliz. O problema de Ripley com o poder que possuía não parecia ter sido provocado por algum conflito familiar. Agora tinha certeza disso.

— Você e o seu irmão trabalham juntos.

— Obviamente.

Ela estava de volta, não havia mais dúvidas.

— Eu encontrei-o no outro dia. Você não se parece muito com ele.

— Levantou a cabeça das anotações. — A não ser pelos olhos.

— É que o Zack herdou todos os genes de bom rapaz e boa aparência da família. Não sobrou nenhum para mim.

— Você estava lá quando ele foi ferido, enquanto efectuava a prisão de Evan Remington.

— Quer ler o relatório policial sobre a ocorrência? — O rosto dela ficou muito sério de novo.

— Na verdade, já li. Deve ter sido uma noite muito difícil. — E vamos centrar-nos neste assunto por enquanto, decidi. — Gosta de ser polícia?

— Nunca faço coisas de que não gosto.

— Sortuda. Porquê *O Falcão de Malta*?

— Hã?!

— Estava a perguntar-me por que é que você escolheu esse filme de Bogart, em vez de, digamos, *Casablanca*.

Ripley abanou a cabeça, tentando ordenar os pensamentos.

— Não sei ao certo. Talvez porque ache que a Ingrid Bergman deveria ter dito ao Bogart, no final do filme: “Paris que se lixe!”, em vez de entrar no avião e ir-se embora. No *Falcão de Malta*, Bogart conseguiu ficar com a Mary Astor no final do filme. Foi mais justo.

— Pois eu sempre achei que Ilsa e Rick, as personagens de *Casablanca*, acabaram por ficar juntos depois da guerra, enquanto o marido dela, o Sam Spade... Bem, continuou apenas a ser o Sam Spade. De que tipo de música é que gosta?

— O quê?

— Música. Hoje de manhã disse que gostava de fazer exercício enquanto ouvia música.

— E o que é que isso tem a ver com o seu projecto?

— Disse-me que não queria nenhum envolvimento com o meu trabalho. Achei então que poderíamos usar o resto do nosso tempo para nos conhecermos um pouco melhor.

— Você é realmente um indivíduo estranho... — Ela expirou com força, provando mais um gole de vinho.

— Tudo bem, então, chega de falar de si. Vamos falar um pouco a meu respeito. — Ele recostou-se na cadeira. Quando o rosto dela ficou ligeiramente fora de foco, ele lembrou-se de tirar os óculos de leitura. — Tenho trinta e três anos e sou tão rico que chega a ser constrangedor. Sou o segundo filho dos Booke de Nova Iorque. Negócios imobiliários. O ramo dos MacAllister,

e todos nós adoptamos esse apelido para o usar como nome de baptismo, está ligado à área de Legislação Corporativa. Comecei a interessar-me por assuntos paranormais desde miúdo. A história dos fenómenos, o seu efeito sobre as diferentes culturas e sociedades. O meu interesse fez com que a minha família procurasse a ajuda de um psicólogo, que lhes assegurou que tudo não passava de uma forma de rebeldia.

— Eles levaram-no a um psiquiatra só porque gostava de assombrações?

— Quando temos catorze anos e já estamos na faculdade, há sempre alguém que acha melhor chamar o psiquiatra.

— Catorze anos? — Ela apertou os lábios. — Ena, você devia ser mesmo uma criança muito estranha.

— Bem, era muito difícil conseguir uma namorada, isso posso assegurar-lhe. — A maneira como ela torceu os lábios pareceu diverti-lo. — Acabei por canalizar a energia daquelas que teriam sido as minhas primeiras aventuras sexuais para o estudo e a procura dos meus interesses pessoais.

— Então você saciava-se com livros e pesquisas.

— De uma certa forma, era isso mesmo. Quando completei dezoito anos, os meus pais já tinham desistido de me encaixar numa das firmas da família. Quando atingi a maioridade e consegui pôr as mãos na primeira parcela da minha herança, consegui finalmente fazer o que queria.

— E alguma vez conseguiu arranjar namorada? — perguntou, inclinando a cabeça. Agora estava interessada, não conseguia evitar.

— Algumas. Sei muito bem o que é ser empurrado numa direcção na qual não queremos ir, ou por um caminho para o qual não estamos preparados. As pessoas dizem que sabem o que é melhor para nós. Talvez às vezes seja verdade. Mas não importa que continuem a forçar, a não ser quando eles nos tiram a capacidade de fazer as nossas próprias escolhas.

— Foi por isso que hoje resolveu liberar-me?

— Essa é uma das razões. O outro motivo é que você vai acabar por mudar de ideias. Não comece já a soprar! — continuou ele, de imediato. — Quando pus os pés aqui na ilha, achava que a Mía era a pessoa de quem eu iria precisar mais para o meu trabalho. Mas essa pessoa é você. Pelo menos, em princípio, é você.

— Porquê?

— Existe algo em si que eu gostaria de descobrir. Nesse meio tempo, pode considerar a aposta paga. Vou levá-la de carro até casa.

— Olhe, eu não vou mudar de ideias.

— Então é muito bom que eu tenha tanto tempo para desperdiçar. Vou buscar o seu casaco.

— Também não preciso que me leve de carro a casa.

— Podemos fazer um braço de ferro para resolver isto — replicou ele.
— Mas eu não vou permitir, de maneira nenhuma, que volte a pé para casa, exposta a temperaturas abaixo de zero.

— Você não pode dar-me boleia até casa. Nem sequer desenterrou o raio do carro. Está todo coberto de neve.

— Então vou desenterrá-lo agora mesmo e depois levá-la para casa. São só cinco minutos.

Ela teria argumentado contra isso, mas a porta da frente fechou-se e foi deixada sozinha dentro da casa, com os seus pensamentos.

Curiosa, entreabriu a porta das traseiras e ficou ali, a tremer de frio, enquanto observava o seu anfitrião, que atacava a neve em volta do Land-Rover com o auxílio de uma pá. Tinha que admitir que os músculos que ela vira naquela manhã no ginásio não eram apenas para exibição. Aparentemente, o Dr. Booke sabia exactamente onde e como se esforçar para executar com precisão o trabalho que tinha pela frente.

Mesmo assim, não era particularmente meticuloso. Esteve a ponto de chamá-lo para dizer isso quando lhe ocorreu que qualquer comentário que fizesse serviria para provar que estivera interessada o suficiente para o observar. Em vez disso, fechou a porta e esfregou as mãos em torno dos braços para trazer um pouco de calor de volta ao corpo.

Quando a porta da frente se abriu novamente e ela o ouviu bater os pés na entrada, encostou-se à bancada da cozinha com um olhar entediado.

— Está estupidamente gelado lá fora — gritou ele. — Onde foi que eu coloquei as suas coisas?

— Em cima da cama, lembra-se? — E, já que dispunha ainda de um minuto, deu uma corrida até à mesa para folhear as anotações dele. Soltou um suspiro quando viu que estava tudo escrito em símbolos de taquigrafia, ou pelo menos pareceu-lhe que era taquigrafia. De qualquer modo, as anotações estavam todas escritas em símbolos esquisitos, linhas e curvas que não significavam nada para ela. O esboço que ele fizera no centro de uma das páginas, porém, tirou-lhe o fôlego.

Era o rosto dela. E tremendamente parecido, ainda por cima. Um esboço rápido, feito a lápis, de todo o rosto. Ela estava com uma aparência... aborrecida, pareceu-lhe. E um pouco desconfiada, também. Bem, ele estava certo a respeito disso.

Não havia mais dúvidas de que MacAllister Booke era realmente um grande observador.

Ripley permaneceu ali mesmo, de pé, a meio metro da mesa, e estava com as mãos inocentemente enfiadas nos bolsos quando ele voltou lá de dentro.

— Levei um pouco mais de tempo porque não conseguia encontrar

as chaves. Ainda não consigo entender como é que foram parar dentro do lavatório da casa-de-banho.

— Será que foi algum *poltergeist*? — comentou ela, fingindo doçura, e ele desatou a rir.

— Quem me dera! Um dos meus problemas é que nunca ponho as coisas duas vezes no mesmo lugar. — Ele trouxera neve de fora e espalhara-a pela casa toda. Em vez de chamar a atenção para esse facto, Ripley vestiu o colete térmico e o cachecol.

Ele estava a segurar-lhe o casaco, o que a fez abanar a cabeça quando notou que pretendia ajudá-la a vesti-lo.

— Nunca consegui entender isso. Como é que vocês, homens, imaginam que as mulheres conseguem vestir os próprios casacos quando não estão por perto para ajudá-las?

— Não temos a mínima ideia. — Com ar divertido, colocou o boné sobre a cabeça dela e depois puxou-lhe as pontas dos cabelos para fora através do buraco de trás, junto do fecho, como já a tinha visto fazer. — E as luvas?

— Quer ajudar-me a colocar os dedinhos nelas também, *papá*? — Perguntou enquanto as puxava para fora do bolso.

— Claro, meu amorzinho. — Mas, quando ele estendeu o braço, ela deu-lhe uma palmada na mão, afastando-a. A seguir, ficou a rir um pouco até reparar nas marcas vermelhas de queimadura nos pulsos dele. Sentiu a culpa corroê-la. Não se importava de magoar as pessoas, desde que elas merecessem.

Jamais, porém, daquela maneira. Nunca daquela maneira.

Enfim, o que estava feito precisava de ser desfeito. Mesmo que isso significasse ter que engolir o próprio orgulho.

Ele notou a mudança na sua expressão quando ela continuou a olhar fixamente para as marcas do seu pulso.

— Ei... — disse. — Isto não teve importância nenhuma! — E começou a baixar os punhos da camisa.

— Para mim teve muita importância. — Ripley já não estava preocupada com os seus princípios e soltou um longo suspiro enquanto levantava a mão dele e segurava no seu pulso novamente. Levantou os olhos e encarou-o com firmeza. — Olhe, o que eu vou fazer agora fica fora da aposta, fora das anotações, fora de tudo. Combinado?

— Tudo bem.

Ela concentrou-se e entoou:

*Com raiva eu trouxe o mal e profanei o que é santo.
Arrependida, venho agora desfazer esse encanto.
Que as feridas cicatrizem limpas do ódio que as fez*

Assim eu quero, e assim seja, pelo Poder e vezes três.

Ele sentiu uma dor longínqua, como se o calor estivesse a ser sugado da sua pele. A sua carne, no lugar onde os dedos tinham tocado, estava fria, como se ela tivesse puxado as queimaduras para fora. Sentiu um aperto no estômago, não tanto pelo fenómeno físico mas pela mudança que viu acontecer nos olhos dela.

Já tinha visto o poder da magia manifestar-se antes, e sabia que estava a olhar para ele naquele momento. Era algo que sempre respeitara profundamente.

— Obrigado — disse, simplesmente.

— Não há o que agradecer. — Ela virou-se. — Estou a falar sério. — Quando esticou o braço para alcançar a maçaneta da porta da cozinha, a mão dele, já com o pulso totalmente sem marcas, fechou-se por cima da sua.

— Nós, os homens, também não sabemos como é que vocês conseguem abrir as portas. São tão pesadas e complicadas...

— Engraçadinho! — Quando colocaram o pé fora de casa, o braço dele escorregou para debaixo do cotovelo dela, para a amparar. O olhar longo e impaciente que ela lhe lançou fê-lo encolher os ombros.

— É que o chão está meio escorregadio — explicou ele. — Não consigo evitar. É muito difícil esquecer um ensinamento que vem da infância.

Ripley deixou-o ser cavalheiro e também não teve coragem de fazer pouco dele quando caminhou com ela à volta do carro, para lhe abrir gentilmente a porta. Não era uma distância assim tão longa, mas enquanto ela lhe ia ensinando o caminho, reconheceu que estava, de facto, grata pela boleia.

Mesmo durante o pouco tempo em que estivera dentro da casa a temperatura tinha caído muito. O aquecimento do carro ainda não tinha começado a dar conta do frio, mas pelo menos os dois não estavam do lado de fora, ao ar livre. Um ar que parecia gelado o suficiente para se partir em pequenos cacos.

— Se estiver a precisar de mais lenha, o Jack Stubens vende e corta a madeira em achas pequenas — informou ela.

— *Stubens*. Pode escrever-me aí o nome? — Segurando o volante apenas com uma das mãos, revistou os bolsos. — Tem algum pedaço de papel?

— Não.

— Então procure dentro do porta-luvas, por favor.

Ela abriu o pequeno compartimento e sentiu o queixo cair. Havia montanhas de pequenas anotações, inúmeras canetas, elásticos, um pacote de biscoitos meio vazio, três lanternas, um canivete e vários outros objectos não identificados. Pegou num deles, que parecia ser feito de um fio áspero retorcido, várias contas pequenas e cabelos humanos.

— Que diabo é isto?

— Gris-gris, um amuleto das Caraíbas. Foi um presente. Não encontrou papel?

Ela ainda ficou a olhar para ele por mais um instante, como se não estivesse a acreditar. Então, colocou o amuleto no lugar e puxou um dos muitos papéis com anotações. — Stubens, repetiu, rabiscando uns gatafunhos sobre o pedaço de papel. Jack, a loja fica na Travessa da Coruja Assombrada.

— Obrigado. — Mac pegou no papel e enfiou-o dentro do bolso.

— Vire aqui. É aquela casa de dois andares, com uma varanda larga à volta.

Como o carro-patrolha estava estacionado à porta, ele poderia ter descoberto por si mesmo. Luzes estavam alegremente acesas no lado de dentro e uma coluna de fumo saía da chaminé.

— Casa porreira a sua. — E saiu. Embora ela já tivesse saltado para fora do carro antes de ele ter conseguido dar a volta para lhe abrir a porta, ele segurou-lhe no braço outra vez.

— Escute, Mac... Isto é tudo muito gentil da sua parte, mas não precisa de me acompanhar até à porta. Isto não foi um encontro de namorados.

— É uma compulsão. Além do mais, nós fizemos uma refeição juntos, conversámos um pouco, bebemos vinho. Como pode ver, houve vários elementos de um encontro a sério.

Ripley parou quando chegou à varanda e virou-se para trás. Mac colocara um gorro de esquí na cabeça e os seus cabelos louros ligeiramente escuros escapavam pelas bordas, aqui e ali. Ele não conseguiu evitar e ficou parado a olhar para ela com intensidade.

— E agora o que foi, Mac? Vai querer um beijinho de boa-noite, também?

— Aceito.

A resposta foi tão jovial, animada e alegre, de uma forma tão inofensiva, que ela acabou por sorrir. Mas apenas por um instante.

Ele tinha... movimentos inesperados. Suaves, surpreendentes e incríveis.

Não aconteceu rápido demais, mas foi tudo tão ágil e tão delicado que ela nem teve tempo de se preparar e se reajustar à situação, ou sequer de pensar.

Os braços dele envolveram-na, fazendo-a escorregar de encontro ao seu corpo, um colado no outro, de tal modo que, mesmo sem haver nenhuma pressão verdadeira, ela sentiu como se estivesse moldada nele. Mac apertou a base das costas dela e, de algum modo, conseguiu criar a ilusão de que os dois estavam na horizontal e não na vertical.

A intimidade desse movimento sacudiu-a por dentro e deixou-lhe a

cabeça a girar, antes mesmo da boca de Mac se encostar à sua.

Suaves. Quentes. Profundos. Os lábios dele não roçavam ou beliscavam, simplesmente absorviam. Agora a tontura que ela sentia estava acompanhada por uma trepidante onda de calor que parecia começar nos dedos dos pés e depois subir lentamente, até lhe derreter todos os ossos.

Um som suave, de prazer estupefacto, parecia cantarolar na sua garganta. Os lábios dela abriram-se ligeiramente, acolhedores. Ah, ela queria mais! E teve que tentar duas vezes até conseguir levantar os braços que pareciam não ter ossos, a fim de enlaçar o pescoço dele.

Os seus joelhos dobraram-se ligeiramente. Ela não teria ficado nem um pouco surpreendida se o próprio corpo comesse a dissolver-se e lhe escorresse por dentro da roupa, transformando-se numa poça aos pés dele.

Quando ele puxou o próprio corpo ligeiramente para trás, afastando-a com delicadeza, a vista dela estava totalmente desfocada e a mente parecia um papel em branco.

— Vamos ter que repetir isto um dia destes — disse ele.

— Hã?... — Ela mal se lembrava de como é que se formavam as palavras, até que ele lhe tocou as pontas dos cabelos, dando um leve puxão.

— É melhor entrar, antes que fique congelada.

— Ah... — ela desistiu, virou-se como se estivesse cega e caminhou até à porta.

— Deixe-me abrir-lhe a porta. — Disse ele bem devagar, de modo totalmente tranquilo, enquanto girava a maçaneta e mantinha a porta aberta para ela entrar. — Boa-noite, Ripley.

— Hmmmm...

Ela entrou como um autómato e não teve outra escolha senão apoiar-se na porta que ele fechara atrás dela, até conseguir orientar-se para tentar respirar livremente de novo.

Inofensivo? Ela tinha realmente achado que ele era inofensivo?

Conseguiu dar alguns passos para a frente, cambaleante, e a seguir deixou o corpo deslizar até se sentar no primeiro degrau da escada que ia para o segundo andar. Iria ficar ali só mais um pouco, resolveu, até sentir que as pernas estavam de volta, e conseguisse novamente comandá-las. Só então iria tentar subir as escadas e ir para o seu quarto.

8 de Janeiro de 2004

Horário: Das nove às dez da noite

Vou transcrever as minhas anotações e a entrevista inicial com Ripley Todd rapidamente. Não consegui fazer tantos progressos com ela como

planeara. Entretanto, aconteceram dois incidentes que serão descritos com mais detalhes no registo oficial. As minhas reacções pessoais, no entanto, ficam nesta gravação.

O temperamento de Ripley e a sua atitude protectora em relação à cunhada, Nell Todd (verificar os dados de referência cruzada sobre Nell Todd nos arquivos com o seu nome), podem e vão dominar a sua relutância em discutir os próprios dons. Ou, conforme apreendi esta noite, poderão ajudar a demonstrar esses dons. A minha impressão foi a de que o seu aviso, quando eu mencionei o nome de Nell, foi instintivo e que o resultado não foi planeado. Ferir-me foi como que um subproduto dessa atitude e não um objectivo. As queimaduras no meu pulso, após atenta avaliação visual, combinavam com a força exercida e o formato das pontas dos seus dedos. A sensação não foi a de uma queimadura provocada por fogo, mas a de um aumento constante de calor. Como uma chama que aumentasse lentamente de intensidade.

As suas mudanças físicas durante esse fenómeno foram a dilatação das pupilas e um ligeiro movimento sob a superfície da pele.

A sua raiva interiorizou-se de imediato.

Acredito que a perda de controle e um possível temor das coisas que ela é capaz de fazer são as causas básicas da sua relutância em discutir e explorar a natureza dos seus talentos.

É uma mulher interessante e obviamente muito chegada à família. De todas as áreas que cobrimos durante a conversa, essa foi a única em que observei uma confiança total e uma completa naturalidade e relaxamento.

Ela é linda quando sorri.

Parou e quase cortou esta última observação. Na verdade, não era sequer exacta. Ela não era linda. Era atraente, intrigante e despertava interesse, mas não era linda.

Apesar disso, lembrou-se, aquele registo inicial era para as suas impressões. O pensamento de que ela era linda deve ter entrado na sua cabeça para que ele o expressasse. Portanto, ia ficar ali.

O segundo incidente aconteceu pouco antes de sairmos e foi, não tenho

a menor dúvida, muito mais difícil para ela. O facto de ela se sentir na obrigação de remover as queimaduras e deliberadamente demonstrar as suas capacidades indica um senso muito desenvolvido do que é certo ou errado. Isso, aliado ao instinto de proteger as pessoas que ama, ultrapassa a sua necessidade de bloquear o dom.

Espero, com o passar do tempo, descobrir que evento, ou eventos, a levaram a renegar ou renunciar solenemente aos seus poderes.

Preciso de encontrá-la novamente, para verificar as minhas suposições.

— Oh, raios, — murmurou. Se não conseguisse ser honesto ali, onde mais seria?

Quero encontrar-me com ela novamente a um nível completamente pessoal. Gostei de estar na sua companhia, até mesmo quando ela se comportava de forma rude. Chega até mesmo a preocupar-me a possibilidade de que eu possa estar a gostar da sua companhia por ela ser rude e me insultar. Além do mais, há uma atracção sexual muito forte. Diferente da admiração puramente estética que senti no primeiro encontro com Mia Devlin — e a fantasia completamente natural e humana que resultou disso, — este sentimento é mais básico e, por isso mesmo, mais incontrolável. Eu quero, a um certo nível, desmontar cuidadosamente esta mulher, peça por peça, e compreender o que ela é. Por outro lado, eu quero apenas...

Não, decidiu Mac, até mesmo um registo íntimo e pessoal precisava de alguma censura. Não era capaz de colocar no papel o que gostaria realmente de fazer com Ripley Todd.

Fico a imaginar como é que seria fazer amor com ela.

Isso, resolveu, era bastante mais aceitável. Não havia razão para entrar em descrições e detalhes gráficos.

Eu levei-a para casa esta noite, após a conversa, porque a temperatura estava muitos graus abaixo de zero. O facto de ela ter caminhado até aqui, e de querer voltar nas mesmas condições, demonstra tanto a sua teimosia quanto a sua independência. Apesar disso, mostrou, de forma bastante óbvia, que estava a divertir-se com a demonstração de actos simples de cortesia, tais como ajudá-la com o casaco ou segurar a porta para que

passasse. Não pareceu insultada, simplesmente considerou aquela uma situação divertida, reacção inesperada que me desarmou por completo.

Não teria tentado beijá-la se ela mesma não tivesse trazido o assunto à tona. Certamente não tinha intenção de fazer isso num estágio tão inicial do nosso relacionamento. A resposta dela foi igualmente inesperada e... excitante. É uma mulher forte, de corpo e mente, e sentir de repente que ela estava quase a desmontar-se...

Teve que fazer uma paragem, respirar fundo e beber um pouco da água.

Sentir a reacção do corpo dela junto ao meu, e aquele calor... Saber as causas químicas e biológicas para o aumento do calor do corpo humano num evento como aquele não diminuiu a maravilha que foi aquela experiência. Ainda posso sentir o gosto dela, forte novamente, um sabor forte e nítido. E ainda consigo ouvir aquela espécie de ronronar que ela faz com o fundo da garganta. As minhas pernas ficaram bambas e, quando os seus os braços enlaçaram o meu pescoço, era como se eu estivesse a ser completamente envolto por ela. Mais um minuto, apenas um instante a mais, e eu teria esquecido completamente que estávamos de pé numa varanda aberta e sob os efeitos de uma noite incrivelmente fria.

Como tinha sido eu, apesar da provocação dela, a dar início ao abraço, era minha a responsabilidade. Pelo menos tive a satisfação de ver o rosto dela e a expressão confusa e sonhadora nos seus olhos. E depois vê-la caminhar até à porta.

Essa foi muito boa.

Evidentemente, quase saí da estrada por duas vezes quando voltava para casa, e também acabei por me perder, mas essa parte não chega a ser atípica e talvez não tenha nada a ver com o estímulo.

Sim, eu quero muito vê-la novamente, a vários níveis. E não estou com esperança de dormir muito bem esta noite.



Capítulo 5

Nell colocou a última fornada de bolinhos de canela a arrefecer e ficou a aguardar. Tinha ainda uma hora antes de começar a carregar o carro com os produtos a fim de os levar para a loja. A sopa do dia era feita com cogumelos desidratados, uma receita italiana. A base cremosa já estava devidamente fechada numa panela especial. As três opções de salada já estavam prontas e todos os brioques assados. A embalagem dos napoleões, pequenos bolinhos quadrados com recheio de framboesa e rum, também tinha acabado de ser fechada.

Ela estava a pé desde as cinco e meia da manhã.

Diego, o seu gato de pêlo luzidio, estava todo enroscado sobre uma das cadeiras da cozinha, observando atentamente cada um dos seus movimentos. Lucy, a enorme cadela Labrador, estava por sua vez esparramada num canto e observava Diego. Eles conseguiam dar-se sob certas condições, todas estipuladas por Diego, e conviviam num estado aceitável de desconfiança e suspeitas mútuas.

Enquanto os biscoitos assavam, Nell mantinha o rádio ligado num volume baixo e aguardava.

Quando Ripley entrou, com os olhos ligeiramente turvos e ainda a usar as calças largueironas e a camisola desportiva com que dormira, Nell simplesmente esticou o braço na sua direcção, segurando uma caneca de café que acabara de preparar.

Ripley soltou um rugido quase inaudível, o som mais próximo de um “obrigado” que conseguiu emitir, antes de ingerir caféina e se atirar sobre a primeira cadeira disponível.

— Está a nevar muito para a tua corrida matinal.

Ripley grunhiu de novo. Ela nunca conseguia sentir-se bem sem correr os quilómetros habituais logo de manhã cedo. O café, porém, começava a ajudar. Ela sorvia-o com satisfação e acariciou a cabeça de Lucy quando esta se aproximou para a receber.

Ia ser obrigada a usar a terrível passadeira. Odiava aquilo. Mas não

podia ficar dois dias seguidos sem a sua corrida. Zack estava escalado para o primeiro turno. Por isso ela podia esperar até meio da manhã para dar um pulinho ao ginásio do hotel.

Não queria dar de caras com Mac novamente.

Isso não significava que estivesse preocupada com ele ou algo desse género. Durante grande parte da noite pensara muito sobre o assunto, descobrindo uma série de desculpas perfeitamente plausíveis para a reacção que demonstrara diante daquele beijo de boa noite.

Agora, simplesmente não queria lidar com a presença dele, e isso era tudo.

Nell colocou uma tigela à sua frente. Ripley pestanejou duas vezes ao olhar para aquilo.

— O que é isto?

— Papas de aveia.

— O que é que há aqui dentro? — desconfiada, longe de demonstrar entusiasmo, Ripley curvou-se e cheirou o prato.

— Coisas nutritivas. — Nell pegou numa bandeja de biscoitos quentinhos do forno e despejou-a noutro recipiente. — Pelo menos experimenta, antes de fazeres essa cara de nojo.

— Certo, certo. — Ela estivera mesmo a fazer caretas de nojo nas costas de Nell. Era humilhante ser apanhada em flagrante daquela forma. Assim, provou de modo comportado, fechou os lábios para sentir melhor o sabor e então comeu mais uma colherada. Parecia não existir nada que Nell preparasse e que não adquirisse um sabor especial.

— Está uma delícia! A minha mãe costumava preparar papas de aveia no Inverno. Tinham a aparência de cola cinzenta. O gosto, porém, era ainda pior.

— Em compensação, a tua mãe possuía outros talentos. — Nell serviu-se de uma chávena de café. Quase tinha sido necessário empurrar Zack para fora de casa logo cedo, para conseguir ter aqueles momentos a sós com Ripley. Agora não tinha a intenção de os desperdiçar e sentou-se diante da cunhada. — E então... Como foram as coisas ontem?

— Que coisas?

— A tua noite com o Mac Booke.

— Não foi uma noite. Foi só uma hora.

Está na defensiva, pensou Nell. E ligeiramente irritada, vejam só...

— Como foi a tua hora, então? — refez a pergunta.

— Passaram-se sessenta minutos e livre-me da minha obrigação.

— Fiquei feliz por ele te ter trazido a casa. — Quando Ripley levantou as sobrancelhas, Nell pestanejou repetidamente os seus olhos cor azul-bebé de modo inocente, explicando melhor: — É que... eu ouvi o barulho de um

carro.

Olhara pela janela. Vira quando Mac acompanhara Ripley até à porta, notando que se passara algum tempo antes que ele caminhasse de volta para o carro.

— Pois... Ele estava cheio de mariquices, do tipo “Está muito frio lá fora, você vai ficar congelada e cair morta pelo caminho antes de conseguir chegar a casa...” — Enfiou mais uma colherada de papas na boca, ficando em seguida com a colher vazia a balançar na mão. — Até parece que eu não sei tomar conta de mim mesma. Tipos assim deixam-me furiosa. O palerma não conseguia descobrir onde é que tinha deixado as chaves do carro, mas era eu que ia acabar a vaguear pelas ruas geladas e terminar a noite transformada num boneco de neve. Ora, por favor, tenham paciência...

— Mesmo assim, fico feliz por ele te ter trazido a casa — repetiu Nell.

— Sim... Foi bom... — Ripley suspirou e começou a brincar com a superfície das papas, fazendo pequenas fendas em forma de quarto mingunte com a ponta da colher. Olhou a obra e pensou que parecia uma paisagem lunar.

Se ele não a tivesse levado a casa, obviamente que teria conseguido chegar em segurança, mas também teria perdido um beijo magnífico. Não que ela tivesse ficado com alguma obsessão, ou algo desse tipo.

— Tu não conseguirias reconhecer o chalé, Nell — continuou ela. — Parece mais o laboratório secreto de um cientista louco. Toda aquela parafernália electrónica e computadorizada espalhada pela casa... Não sobrou um lugar sequer para as pessoas se sentarem, a não ser na cozinha. O tipo vive completamente envolvido com o seu próprio *show* de assombrações. Possui até mesmo um amuleto de vudu, ou algo assim, dentro do porta-luvas do carro. E sabe tudo a meu respeito. — Disse a última frase mais depressa e levantou a cabeça a fim de olhar para Nell.

— Ora... — Nell soltou um suspiro suave. — Contaste-lhe?

Ripley abanou a cabeça. Parecia estar nervosa por dentro, com as entranhas a fervilhar.

— Ele simplesmente sabia. Como se eu tivesse uma etiqueta colada na testa a dizer “Sou uma das bruxas aqui do sítio”. Sabes, o pior é que tudo é muito académico para ele... *Bem, Delegada Todd, isto é muito interessante. Quem sabe você não podia realizar um feitiço para eu ver e registar os resultados?*

— Ele realmente pediu para fazeres algum tipo de magia?

— Não. — Ripley esfregou as mãos no rosto. — Não... — repetiu. — Só que ele... Consegui deixar-me completamente fula da vida e eu... Queimei-o.

— Oh, meu Deus! — O café quase transbordou quando Nell pousou a chávena.

— Calma! Também não lhe peguei fogo. Só lhe queimei o pulso com as pontas dos meus dedos. — Olhou para os dedos no mesmo instante. Inofensivos, comuns, talvez um pouco compridos demais, com unhas curtas e sem verniz.

Nada especial.

Letal.

— Sabes, Nell, não foi uma coisa consciente. Toda a raiva se transformou em calor e o calor correu para as pontas dos dedos. Eu nunca mais tinha tido necessidade de pensar a respeito disso ou de me preocupar. Nos últimos meses, porém...

— Eu sei. Tudo voltou desde que abriste novamente essa porta para me ajudares. — Nell terminou a frase, baixinho. Levantou-se de repente ao ouvir o zumbido do temporizador do forno, que disparara.

— Eu não me arrependo daquilo, Nell, nem por um instante. Foi uma escolha que eu mesma fiz e faria de novo. É que é muito difícil trancar tudo outra vez, não sei por quê.

Ela não queria admitir o motivo, pensou, e preferiu deixar esse pensamento ficar no fundo da mente — Simplesmente é difícil. Eu provoqueei um dano físico. Tive, então, que consertar o erro, mas isso não justifica tê-lo causado.

— Como foi que ele reagiu a isso?

— Como se não fosse nada de especial. Levantou-se, pegou num copo de água, deu-me praticamente uma palmadinha consoladora na cabeça e voltou à conversa como se eu tivesse apenas acabado de derramar um pouco de vinho na toalha. Aquele homem tem coragem, sabes? Sou obrigada a reconhecer.

Nell voltou para perto da mesa e mexeu no cabelo de Ripley como se estivesse a remexer carinhosamente os cabelos de uma criança.

— És muito dura contigo mesma. Eu já perdi a conta dos erros que cometi nos últimos meses, mesmo tendo a Mia para me guiar passo a passo.

— Não é muito bom falar no nome dela agora! — Ripley inclinou-se para a frente e voltou a comer, como se a comida pudesse aliviar o nó que sentiu de repente no estômago. — Se ela não o tivesse trazido para cá...

— Não foi ela quem o trouxe, Ripley! — O suave, mas inconfundível tom de impaciência na voz de Nell fez Ripley encolher os ombros. — E se ela não tivesse alugado o chalé ao Mac, é claro que ele acabaria por encontrar outro lugar para ficar, ou acabaria por se hospedar no hotel. Já passou pela tua cabeça que, ao alugar-lhe o chalé e ao concordar em colaborar com o seu trabalho, a Mia no fundo está a conseguir controlar a situação a um nível que de outra forma não conseguiria?

Ripley abriu a boca para falar, mas acabou por a fechar novamente.

— Não, Nell, agora que estás a falar, eu não tinha encarado a coisa dessa maneira. Deveria ter pensado nisso. A Mia não deixa escapar nada.

— Eu vou conversar com ele, também.

— Isso não é uma boa ideia. — A colher fez um barulho agudo ao ser pousada com força na ponta do prato. — Essa é uma ideia totalmente infeliz.

— Já pensei muito a respeito disso. Ele prometeu à Mia que não vai usar nomes verdadeiros sem a nossa permissão. Estou interessada no seu trabalho — continuou ela, retirando os biscoitos do tabuleiro com uma espátula e colocando-os sobre uma grade, para arrefecerem. — Gostaria muito de saber mais coisas a respeito de tudo isso. Não tenho sentimentos conflituosos em relação ao que sou, como tu.

— Não tenho o direito de dar palpites sobre o que deves fazer com a tua vida. — Ripley, no entanto, estava disposta a assegurar-se de que Mac não a pressionaria demais, ou na direcção errada. — O que é que Zack acha sobre este assunto?

— Deixou totalmente por minha conta. Confia em mim e respeita-me. Isso é tão maravilhoso quanto saber que ele também me ama. E eu não estou preocupada com o Dr. Booke.

— Ele é mais sorrateiro do que faz parecer — murmurou Ripley. — Chega devagarinho e leva-nos a pensar que se trata de um cachorrinho dócil e inofensivo. Só que não é.

— E o que é ele, então?

— É muito esperto, sonso e ladino. Ah, sim... Tem todas aquelas qualidades de cachorrinho manso, sem dúvida, e isso tudo é muito envolvente, faz com que penses que estás no comando da situação. Um minuto ele está a olhar à volta com aquele olhar palerma, meio perdido, tentando lembrar-se onde colocou a cabeça da última vez em que a tirou do pescoço. E no minuto seguinte...

— No minuto seguinte? — repetiu Nell, para encorajá-la a continuar, enquanto se sentava de novo.

— Ele beijou-me.

— A sério? — Nell bateu com as pontas dos dedos umas contra as outras, antes de entrelaçá-los.

— Era para ser uma brincadeira. Sabes, o cavalheiro leva-te até à porta de casa, como se os dois estivessem a voltar do baile de formatura. Então, de repente, foi como se ele... — Ela parou de falar, tentando imitar os gestos que Mac fizera ao enlaçá-la tão completamente. — Sabes, como se ele me envolvesse. E fez tudo isso com a maior calma do mundo. Então, todas as imagens começaram a ficar um pouco indistintas diante de mim e o calor

aumentou. A seguir, foi como se eu estivesse a ser tragada para dentro dele, lentamente.

— Uau! Meu Deus!

— Eu sentia-me como se não me tivesse sobrado nenhum osso inteiro; fiquei ali, como se estivesse colada a ele. E ao mesmo tempo ele continuava a fazer todas aquelas coisas incríveis com a minha boca. — Ela expirou com força, fazendo uma inspiração profunda logo em seguida. — Olha que eu já beijei muitos homens na vida e considero-me muito boa nisso. Só que desta vez não deu para acompanhar o ritmo.

— Uau! — repetiu Nell, enquanto arrastava a cadeira alguns centímetros mais para perto da cunhada. — Bem, e depois, o que foi que aconteceu?

— Caminhei até à entrada da casa, simplesmente. — Disse, encolhendo-se. — Foi mortificante. Fui a andar como uma boneca a pilhas até à porta. E o Dr. Romeu, educadamente, abriu-a para que eu entrasse, com um sorriso. Foi a primeira vez em que beijei alguém na vida e fiquei a sentir-me uma idiota e garanto-te que vai ser a última.

— Bem, se te sentiste atraída por ele...

— Ele é bonito, tem um corpo maravilhoso e é muito *sexy*. É claro que eu me sinto atraída por ele. — Ripley abanou a cabeça com violência para o lado. — Mas nada disso vem ao caso. Ele jamais poderia ter sido capaz de dissolver o meu cérebro apenas com um beijo. O problema é que eu não tenho saído muito ultimamente e devo estar carente. Já faz mais de quatro meses desde a última vez em que eu... Bem, tu sabes!

— Ripley! — Nell soltou uma gargalhada divertida.

— Acho que foi algo assim como... Sei lá, combustão espontânea ou alguma coisa desse tipo. Ele sabe mexer-se, tem movimentos precisos e... pimba! Agora que eu já sei o que esperar, vou conseguir lidar com ele. — Sentindo-se melhor com essa afirmação, alisou a superfície das papas. — É... Agora eu sei muito bem como lidar com ele.

Mac deu uma olhadela por toda a livraria, folheando as páginas de diversas publicações, estudando as capas. Já tinha comprado e lido bastante material sobre a Ilha das Três Irmãs, mas ali ainda havia alguns livros que ele precisava de analisar melhor.

Enfiou-os debaixo do braço e continuou a vaguear pelo local.

A loja possuía um acervo de bons títulos e era muito eclética. Encontrou um lindo e raro volume de Elizabeth Barrett Browning chamado “Sonetos de Autores Portugueses”; havia também o último exemplar de uma série sobre um caçador de vampiros, da qual gostava muito; dois livros que analisavam a fauna e a flora locais e outros lugares interessantes da área; e um livro de

bolso para bruxas solitárias. Além de tudo isso, encontrou mais dois livros sobre o paranormal, que acabou por comprar para substituir os exemplares que tinha perdido ou esquecido em algum lugar.

De repente, avistou um baralho de *tarot* com figuras do Rei Artur e os seus cavaleiros, muito bonito.

Não que ele colecionasse baralhos de *tarot* ou coisas desse tipo.

Como jamais perdia a oportunidade de se satisfazer com livros, resolveu levar todos. Aquele grande volume de compras, pensou, serviria para distraí-lo nas horas vagas e ainda lhe daria a oportunidade que queria para meter conversa com Lulu.

Carregando os livros até à caixa da loja, exibiu o seu sorriso mais inocente.

— Que livraria fantástica! — comentou, para arranjar um assunto. — A gente não imagina encontrar um lugar assim tão completo e com títulos tão importantes numa cidade pequena como esta.

— Existem muitas coisas por aqui que as pessoas nem imaginam que existam. — Lulu olhou fixamente para Mac por cima dos óculos, para mostrar que ainda não tinha decidido se gostava dele. — Dinheiro ou cartão de crédito?

— Cartão. — Tirou a carteira do bolso, esticando a cabeça para ver melhor o título do livro que Lulu estava a ler: “Assassinos em série, os seus sentimentos, as suas mentes”. — E então... Que tal esse livro?

— Muita análise psicológica, muito blá-blá-blá, pouco sangue. Tipos assim, meio intelectuais, nunca atingem as minhas expectativas.

— É que esses intelectuais não saem muito de casa para ver o mundo real. Passam muito tempo dentro de salas de aula e bibliotecas, não sabem nada sobre o trabalho de campo. — Inclinou-se de forma casual sobre o balcão da caixa, como se ela estivesse a atirar-lhe um punhado de rosas em vez de espinhos. — Você conhece uma teoria a respeito de Jack, o Estripador, que afirma que ele possuía poderes sobrenaturais, e que, embora o seu período em Londres tenha sido o primeiro caso documentado de assassinatos em série, ele já tinha vivido antes, e cometera os mesmos crimes em série, em Roma, na Gália e na Bretanha?

— Eu não embarco nessas histórias! — Lulu continuou a olhar para ele por cima dos óculos, enquanto registava os livros na caixa.

— Eu também não. Mas isso dá material para escrever um bom livro. — “Jack, o Estripador e os seus Assassinatos através da História”. Pelo que eu já andei a pesquisar, ele foi o primeiro assassino a utilizar o chamado “bode sem chifres”, você sabe... sacrifícios humanos — continuou ele a explicar, de modo cândido, enquanto os olhos de Lulu se estreitavam. — Ele usava-os em rituais mágicos. Magia negra... muito negra.

— É isso que você anda a procurar por aqui? Sacrifícios humanos banhados de sangue?

— Não, minha senhora. A arte da Magia não utiliza sacrifícios de sangue. As bruxas brancas são boas, não ferem nem causam danos a ninguém.

— O meu nome é Lulu. Não me chame “minha senhora”. — Fungou, olhando para ele. — Você parece-me muito esperto.

— E sou mesmo. Às vezes isso irrita as pessoas.

— Está a perseguir o bandido errado, bonitão. Eu não sou bruxa.

— Eu sei que não. Apenas criou uma, desde criança. Deve ter sido muito interessante testemunhar o crescimento de Mia... e de Ripley. — Ele começou a remexer nos livros sobre o balcão, de forma distraída. — As duas têm mais ou menos a mesma idade, não têm?

— Porquê tantas perguntas? — *É...* pensou ela, *ele é realmente muito esperto.*

— Você sabe como são os tipos a dar para o intelectual. Somos cheios de perguntas. Gostaria muito de fazer uma entrevista consigo, se a Mia não se incomodasse.

— Para quê? — O cuidado de Lulu estava em conflito com um pouco de deleite.

— Pode chamar a isso interesse pelos aspectos humanos da vida. A maioria das pessoas não compreende o lado comum, o padrão diário e previsível de uma mulher extraordinária. Mesmo as pessoas que possuem a mente aberta para o fora do comum tendem a achar que não existe nada de simples na vida e na infância dos dotados. Nunca pensaram nos exercícios de matemática depois das aulas ou que ficaram de castigo por terem voltado da festa muito depois da hora marcada ou que devem ter precisado de um ombro amigo de vez em quando.

— Você está a alimentar algum interesse especial por Mia? — Devolveu com um gesto brusco o cartão de crédito que ele tinha entregue.

— Não. Mas admito que gosto muito de ficar a olhar para ela.

— Olhe, eu não tenho tempo para perder a falar com um aluno de faculdade a fim de o ajudar a fazer o trabalho que o professor mandou.

Mac assinou o *ticket* do cartão, sem sequer olhar para o total da compra. Lulu reparou nisso.

— Posso pagar pelo tempo que gastar comigo.

— Quanto? — perguntou ela, já sentindo o *tilintar* da caixa registadora em algum lugar no fundo de seu cérebro.

— Cinquenta dólares por hora.

— Mas o que é você afinal... Burro?

— Não. Podre de rico.

— Vou pensar no assunto. — Abanando a cabeça, Lulu entregou-lhe

o saco com os livros.

— Agradeço muito. Obrigado.

Quando o viu sair pela porta, abanou a cabeça de novo. Pagar-lhe só para conversar. Dava para acreditar?

Ainda estava a pensar no assunto quando Mia desceu, deslizando suavemente pelas escadas.

— Está tudo muito parado por aqui hoje, Lu. Acho que vou preparar uma liquidação na secção dos livros de culinária, lá em cima, para fazer as pessoas aparecerem. Nell poderia até preparar alguns petiscos com receitas tiradas dos livros, para dar assim um clima.

— Tu é que sabes. O gato da universidade esteve aqui.

— Quem? Ah, já sei... — Mia entregou a Lulu a chávena de chá que trouxera do andar de cima. — O interessante e suculento MacAllister Booke.

— Acabou de gastar mais de cento e cinquenta dólares em livros, sem sequer pestanejar.

— Deus o abençoe. — O coração de negociante de Mia deu um pulinho de alegria.

— Parece que tem muito dinheiro. Chegou a oferecer-me cinquenta dólares por hora, só para conversar com ele.

— Ai sim? — Mia levantou uma das sobranceiras. Sabia que Lulu tinha um caso permanente de amor com o dinheiro, uma afeição que ela própria aprendera, desde o berço. — Acho que lhe devia ter cobrado um aluguer mais alto — disse, pensando alto. — O que é que ele quer conversar contigo?

— Sobre ti, Mia. Disse que era uma espécie de interesse humano. Quer saber quantas vezes eu te dei palmadas no rabo quando estavas a crescer, esse tipo de coisas.

— Não creio que seja necessário relatar os desagradáveis incidentes do espancamento do meu rabo ocorridos na minha infância. — respondeu Mia secamente. — Mas isso é realmente algo muito interessante e também inesperado. Estava preparada e pensei que fosse ficar o tempo todo a chatear-me, pressionando-me para que eu discutisse bruxarias e feitiços com ele e depois fizesse demonstrações. Em vez disso, deixa tudo de lado e vem oferecer-te uma remuneração pela consultoria na pesquisa dos meus anos de formação.

Bateu com a ponta do dedo indicador sobre o lábio inferior, pintado num tom de vermelho-forte. — Muito esperto, esse rapaz.

— Ele admitiu exactamente isso. Disse que era mesmo muito esperto e que isso deixava algumas pessoas irritadas.

— Mas eu não estou irritada. Estou apenas curiosa, o que, aliás, é o que ele provavelmente esperava, imagino.

— Ele garantiu-me que não alimenta nenhum interesse de natureza pessoal por ti.

— Agora sinto-me insultada. — Com uma gargalhada, Mia beijou Lulu na bochecha. — E tu ainda continuas de guarda, a vigiar-me, não é?

— E tu bem que eras capaz de fazer mais do que simplesmente olhar na direcção dele. É muito educado, rico e inteligente. Ainda por cima não é mau de todo de se olhar.

— Não serve para mim. — Com um pequeno suspiro, repousou o rosto sobre os cabelos de Lulu. — Eu saberia de imediato, se ele servisse.

Lulu começou a abrir a boca para falar, mas acabou por resolver ficar calada e enganchou um braço à volta da cintura de Mia.

— Eu não estou a pensar em Samuel Logan, Lulu — disse Mia, embora na verdade estivesse. Aquele tinha sido o único homem por quem ela se apaixonara de verdade. O único homem que conseguira esmagar o seu coração. — E quanto ao novo visitante, devo afirmar que não estou atraída romanticamente pelo interessante, esperto, envolvente e *sexy* Dr. Booke. Aceitaste conversar com ele?

— Depende.

— Se estás preocupada, achando que talvez eu faça alguma objecção, fica a saber que *não faço*. Consigo perfeitamente cuidar de mim mesma, caso precise de protecção. De qualquer modo, não vou precisar, pelo menos para me proteger dele.

Havia alguma coisa a mais no ar. Algo que ainda não estava perfeitamente claro e que vinha a arrastar-se como uma cobra em torno dos limites da casa. Mas era uma força que não vinha de MacAllister Booke.

Mia afastou-se, levando consigo o chá.

— Na verdade, Lulu, até sou capaz de concordar em conversar com ele. Cinquenta dólares por hora! — Ela soltou uma gargalhada profunda e divertida. — Isso tudo é fascinante.

Carregado com o equipamento portátil, Mac caminhava com dificuldade sobre a neve acumulada no chão, pelos estreitos caminhos do pequeno bosque próximo do chalé. O relatório da polícia e as reportagens jornalísticas que tinha lido citavam aquele como o local para onde Nell fugira, na noite em que Evan Remington a tinha atacado a ela e a Zack Todd.

Ele já completara as leituras da área da cozinha, o local do ataque inicial. Não encontrou nenhum sinal de energia negativa lá, nem vestígios de violência. Isso deixou-o surpreendido, até cogitar que Nell ou Mia provavelmente tinham limpo a casa.

Tinha uma forte esperança de encontrar alguma coisa no bosque.

O ar estava parado e frio. Uma fina camada de gelo brilhava nos troncos e galhos das árvores. A neve depositava-se em camadas sobre eles, como se

fosse uma cobertura de pele de arminho.

Notou então pegadas de cervo e ficou encantado; com um gesto instintivo e automático, verificou a sua câmara, para se certificar de que estava carregada com um rolo novo.

Atravessou um riacho, onde estreitos braços de água tentavam forçar a passagem por entre as pedras e as camadas de gelo. Embora os seus calibradores e sensores não registassem nenhuma anomalia, sentiu algo de diferente. Levou um momento até reconhecer que aquilo era simplesmente a sensação de paz. Prazer em estado puro.

Um pássaro cantou e passou a esvoaçar sobre ele como uma bala. Mac ficou simplesmente ali, feliz e satisfeito. Era agradável estar naquele lugar, pensou. Um lugar onde a mente podia ficar descansada. Um lugar feito sob medida para piqueniques e contemplação.

Com alguma relutância continuou a caminhar, mas prometeu-se que iria voltar àquele lugar, outro dia, apenas para apreciar aquela quietude.

Circulou sem rumo e, mesmo sabendo que isso iria estragar a atmosfera, começou a imaginar como teria sido correr desesperada por ali, tropeçando no escuro e seguida de perto por um homem dominado pela violência. Um homem armado com uma faca que já estava ensanguentada.

Desgraçado, pensou. O canalha havia-a caçado impiedosamente, como um lobo raivoso atrás de uma gazela. Porque preferia vê-la morta a saber que ela se libertara dele. Estava preparado para golpear a sua garganta com a faca, talvez até cortá-la de um lado a outro, diante da possibilidade de perder o que considerava apenas mais uma das suas posses.

Sentiu a fúria rugir por dentro do sangue, quente, uma raiva turva e agitada. Quase conseguia sentir o cheiro do sangue, do ódio... e do medo. Mergulhado nas suas emoções, levou ainda vários momentos para reparar que os seus sensores tinham enlouquecido.

— Meu Deus! — Dando um pulo para trás, abanou a cabeça e, de uma forma abrupta, transformou-se novamente no cientista de cabeça fria.

Aqui! Foi mesmo aqui!

Trocou os aparelhos, pegou no gravador e começou a murmurar alguns dados. Saiu do centro energético da área e começou a usar um outro aparelho para medir a distância, o raio e o diâmetro do foco de energia. De joelhos na neve, registava, gravava, calculava, documentava. Considerava, enquanto os números e agulhas dentro dos mostradores balançavam e se agitavam de modo selvagem.

— A carga mais elevada, quase totalmente formada por energia positiva pura, abrange uma área de aproximadamente quatro metros e meio, formando um círculo perfeito. A maioria dos rituais de origem paranormal

envolve a formação de círculos protectores. Este aqui é o mais poderoso que já encontrei em toda a minha vida.

Colocando os aparelhos nos bolsos novamente, utilizou as próprias mãos nuas para cavar e limpar a região. Uma sensação leve e húmida de suor já lhe cobria as costas, até que conseguiu limpar uma porção razoável do círculo de energia.

— Não há nenhuma marca sob a neve. Nenhum símbolo. Vou precisar de voltar aqui com uma pá, a fim de limpar o círculo todo. Deve ter sido feito na noite em que Evan Remington foi preso, há mais de dois meses, e novamente fechado, em ritual, na mesma noite. Mesmo assim, há um eco de sinal positivo e está a registar seis-ponto-dois na minha escala, com leitura firme e constante.

Seis-ponto-dois! Espantou-se com a leitura. *Caramba!*

— Em todas as minhas experiências anteriores, ao estudar círculos activados durante um rito de iniciação — continuou ele em voz alta, para o gravador — o registro não ultrapassou os cinco-ponto-oito. Lembrar de verificar esses dados.

Mac levantou-se mais uma vez, com neve agarrada na roupa toda, e começou a tirar várias fotografias. Deixou o gravador cair ao chão, soltou um palavrão e levou algum tempo até o desenterrar de um pequeno monte de neve. Depois, ficou preocupado, analisando o aparelho por todos os lados para ver se não se tinha partido.

Nada, porém, conseguiria estragar aquela emoção. Ficou ali de pé, no meio do bosque silencioso, perguntando-se se não tinha descoberto, sem querer, o coração da Ilha das Três Irmãs.

Uma hora mais tarde, sem se preocupar em voltar ao chalé, caminhava com alguma dificuldade ao longo da praia coberta de neve. A maré tinha subido e baixado, engolindo um pouco da neve. Mas a superfície dura e fria que deixara para trás estava toda moldada, como se fossem tijolos demolidos de um muro.

O ar não estava nada parado e vinha do mar em correntes geladas que o faziam tremer por dentro. Mesmo com as grossas camadas de roupa que usava, os dedos das mãos e dos pés já começavam a sentir o frio.

Começou a pensar preguiçosamente num duche quente e envolvente e num café também quente e envolvente, enquanto examinava a área onde se lembrava de ter visto a mulher, naquela primeira noite na ilha.

— Que diabos é que está a fazer?

Olhando para cima, viu Ripley parada, em pé, encostada à amurada que delimitava o passeio. Sentiu-se de imediato ligeiramente envergonhado

por notar que só o facto de olhar para ela levou os seus pensamentos para o calor do sexo.

— Estou a trabalhar. E você?

Ripley colocou as mãos nos quadris. Ele não conseguia ver os seus olhos porque ela estava a usar óculos escuros. Isso fê-lo lamentar ter-se esquecido dos seus, porque o sol reflectido na neve era ofuscante.

— A trabalhar? Em quê? Está a tentar transformar-se no Abominável Homem das Neves?

— O *yeti* não é natural desta parte do mundo.

— Olhe para si, Booke.

Fazendo o que ela sugeriu, olhou para baixo. Estava, de facto, completamente coberto de neve. Aquilo ia provocar, e ele bem o sabia, uma porcaria terrível quando fosse despir aquelas roupas para entrar no sonhado banho quente de chuveiro.

— Pode-se dizer que eu realmente me atolei de trabalho até ao pescoço. — Respondeu, encolhendo os ombros.

Já que ela, pelo que parecia, não se ia aproximar, resolveu começar a caminhar na sua direcção. Não era um processo fácil; ainda conseguiu enterrar os pés em dois montes de neve, o que o fez afundar-se até acima dos joelhos. Mas conseguiu finalmente chegar à amurada, subiu para cima desta e tentou recuperar o fôlego.

— Será que você nunca ouviu falar de lesões provocadas por exposição ao frio? — devolveu ela, secamente.

— Bem, eu ainda consigo sentir os dedos dos pés, mas mesmo assim obrigado por pensar em mim. Que tal um café?

— No momento não tenho nenhum aqui comigo.

— Eu pago-lhe um.

— Estou de serviço.

— É que eu talvez esteja realmente com lesões provocadas pelo frio. — E virou a cabeça para lançar um olhar comovente: — Será que não faz parte das suas obrigações de representante da lei e servidora do bem-estar público ajudar-me a alcançar um local protegido e aquecido?

— Não. Mas posso ligar para a clínica, se quiser.

— Certo. Um ponto para si. — Saltou para o outro lado do muro e lembrou-se, no último segundo, de proteger a câmara. Conseguiu pôr-se de pé e ficou ali, ao lado dela. — Para onde é que vai?

— Porquê?

— Pensei que, onde quer que seja, deve haver café.

Ripley suspirou, resignada. Ele parecia congelado e ridiculamente adorável.

— Tudo bem, vamos então. Vou oferecer-lhe o café.

— Não a vi no ginásio do hotel, hoje de manhã.

— É que eu levantei-me mais tarde.

— Não a vi a circular pela cidade, também.

— Está a ver-me agora.

Ela andava depressa e com passos longos, notou. Quase não precisava de diminuir o ritmo para a acompanhar.

Ripley parou na porta da esquadra e olhou bem para ele, dizendo:

— Faça o favor de bater os pés e sacudir essa neve antes de entrar.

Ele obedeceu, sacudindo-se e espalhando um pequeno turbilhão de neve que voou do casaco e das calças.

— Ora, pelo amor de Deus! — gemeu ela. — Vire-se de costas! — Espalhou com pequenas palmadas a neve que ainda estava agarrada a ele, lançando-lhe um olhar mal-humorado quando passou para a parte da frente. Então levantou a cabeça e apanhou-o a rir-se.

— Qual é a piada?

— Talvez eu goste de ser tratado assim. Quer que faça o mesmo consigo?

— Cuidado para não tropeçar e é melhor comportar-se como deve ser se realmente quer tomar um café. — Empurrou a porta, deixando-a escancarada, e ficou muito desapontada ao ver que Zack não estava ali.

Retirou as luvas, o casaco, e desenvencilhou-se do cachecol enquanto ele fazia o mesmo.

— Afinal, que diabos é que você estava a fazer na praia, a gatinhar daquela maneira na neve?

— Quer mesmo saber?

— Acho que prefiro não descobrir. — Caminhou até à cafeteira eléctrica e serviu o resto que havia, dividindo em duas chávenas.

— Vou contar-lhe na mesma. Estive no bosque um pouco mais cedo e descobri o ponto exacto onde vocês... tiveram aquele problema com Evan Remington, na noite do *Halloween*.

— Como é que pode saber com certeza que encontrou o lugar exacto? — O seu estômago reagiu com uma dor rápida e depois contraiu-se. Aquela era uma reacção que Mac parecia provocar nela com frequência.

— Faz parte do meu trabalho descobrir essas coisas. — Aceitou o café que ela lhe trouxe. — Vocês formaram o círculo e depois fecharam-no, não foi?

— Converse com a Mia a respeito disso.

— Responda apenas sim ou não... Não é uma escolha tão difícil.

— Sim, formámos. — A curiosidade instigou-a: — Por que é que pergunta?

— Porque havia um eco de energia. Aliás, muito forte; um facto sem

precedentes nas minhas experiências. Magia muito poderosa.

— Como eu disse, essa é a área da Mia.

— Existe alguma razão específica para vocês duas não se darem muito bem? — Perguntou ele com calma e paciência, enquanto soprava o café fumegante. — Ou existem motivos mais genéricos?

— Bem, há uns motivos específicos e outros genéricos e nenhum deles é da sua conta.

— Tudo bem. — Ele sorveu o café. Tinha um sabor a lama molhada, mas já provaria piores. — Quer jantar hoje à noite?

— Sim, quero, e na verdade pretendo fazer isso em casa assim que tiver fome.

— Eu perguntei se quer jantar na minha companhia. — Os seus lábios esticaram-se, quase sorrindo.

— Ah! Nesse caso... não.

— Vai ser difícil arranjar formas de lhe dar mais beijos de boa-noite se pelo menos não sairmos para jantar.

Ela apoiou-se de costas na pequena prateleira onde estava a cafeteira e respondeu:

— Aquilo foi um daqueles eventos que só acontecem uma vez na vida.

— Pode ser que mude de ideias, depois de dividirmos uma *pizza*.

Na verdade já estava a começar a mudar de ideias. Só de olhar para ele, ficava com água na boca.

— Você é tão bom no resto como é a beijar?

— Agora explique-me como é que eu posso responder a uma pergunta como essa sem parecer um idiota?

— Boa resposta. Digamos que eu resolva pensar a respeito da oferta de dividir uma *pizza* consigo, algum dia. Se isso eventualmente acontecesse, o seu trabalho, no que me diz respeito, ia ter que ficar de fora da conversa.

— Acho que posso concordar com isso. — E esticou a mão.

Ela olhou para o braço estendido e considerou a ideia de ignorá-lo solenemente. Só que fazer isso ia parecer cobardia. Resolveu responder ao cumprimento e apertou a mão dele, sentindo um imenso alívio ao ver que não aconteceu nada além do encontro casual, comum, entre duas mãos.

Mas ele não a largou. — O café estava ótimo — disse.

— Eu sei. — O que estava a acontecer naquele momento era completamente natural, disse para si mesma. Aquele formigueiro que corria no sangue, a emoção de uma mulher por um homem. E o arrepio de antecipação, a lembrança do que a boca daquele homem era capaz de fazer. Aproximou-se dele. — Vamos...

— Estava só à espera que dissesse isso. — Pousou a chávena de café na

mesa. Desta vez tocou no rosto dela, formando uma moldura leve em torno da sua face, com um deslizar suave dos dedos que fez a pele dela estremecer.

A sua boca tocou a dela, mergulhou fundo e pôs-lhe a cabeça a andar à roda.

— Uau! Você é realmente muito bom nisto.

— Obrigado. — Deixou a mão escorregar devagar para a base do pescoço dela. — Agora, fique quietinha. Estou a tentar concentrar-me.

Ela prendeu os braços em torno da cintura de Mac, esmagou o corpo encontro ao dele e desfrutou daquele momento.

Através das pestanas, ela viu que os olhos dele estavam completamente abertos e focados nela. Isso fê-la sentir-se de repente como a única mulher que existia à face da terra. Uma nova Eva. Ripley jamais precisara de um sentimento assim que fosse provocado por um homem, mas recebê-lo daquela maneira era como ser atingida por um golpe de seda, macio e delicado.

Os dedos na base da nuca começaram a massajar-lhe os músculos com suavidade, encontrando pequenos e inesperados pontos que ela jamais soubera que existiam. De repente, ele mudou o ângulo do beijo, como se estivesse a experimentar, e fê-la tombar do nível de prazer puro para o da necessidade urgente.

Sentiu-se gatinhar, quase que rastejando por cima dele, para dentro dele. O seu coração batia forte e completamente descompassado e era como se o sangue cintilasse por dentro.

Ele segurou-a ali por mais um momento, era preciso mantê-la naquela posição, mesmo tremendo, até que conseguisse encontrar o próprio ponto de equilíbrio, para então puxá-la na sua direcção, com as mãos abertas que já não estavam tão firmes como antes.

— Certo. — Ela inspirou profundamente. — Uau! Tenho que reconhecer a sua perícia. O que é isso? Andou a estudar técnicas sexuais exóticas ou algo do género?

— Bem, na verdade... — Ele pigarreou para limpar a garganta, sentindo que precisava, realmente, de se sentar. — De uma certa forma, sim, mas pura e simplesmente como uma pesquisa paralela aos meus estudos.

— Acho que não está a brincar. — Olhou fixamente para ele.

— Esses rituais sexuais e hábitos milenares são, muitas vezes, uma parcela importante do... Oiça, por que é que não me deixa simplesmente demonstrar-lhe isso tudo?

Ela esticou o braço para o manter afastado. — Estou de serviço, e você já conseguiu agitar-me o suficiente. Fique descansado que eu aviso quando estiver com vontade de dividir aquela *pizza*.

— Dê-me apenas mais cinco minutos do seu tempo e vai sentir-se com-

pletamente no ponto. — Ele tentou aproximar-se novamente, até que uma mão o impediu, tocando-lhe o peito.

— Nem pensar. Vista o seu casaco e ponha-se a andar.

Por um momento, achou que ele não fosse realmente fazer o que lhe ordenara. No entanto, de repente e como que num passe de magia, ele recuou.

— Quando chegar o momento — assegurou Ripley. — Quero que saiba que eu gosto de *pizzas* bem grandes e com todos os ingredientes que existem.

— Engraçado, é assim que eu também gosto.

— Então é mais fácil.

Ele agarrou o casaco e a câmara. — Foi óptimo tê-la encontrado novamente, Delegada Todd. Obrigado pelo café.

— Estamos aqui para servir a população, Dr. Booke.

Ao sair, ele colocou novamente o gorro de esqui na cabeça. Tinha que ir depressa para a praia, decidiu, e atirar-se com roupa e tudo para a água gelada. Se não se afogasse, pelo menos arrefeceria.